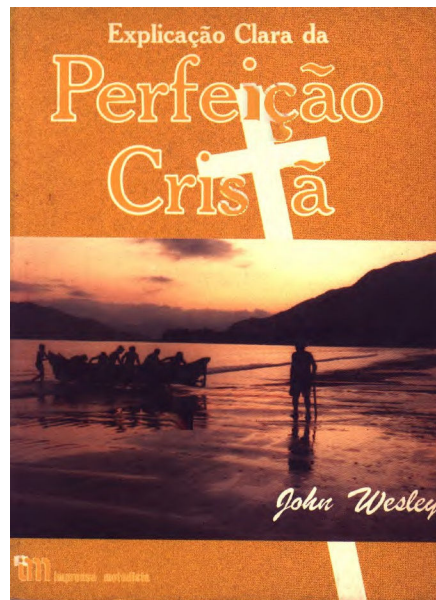


Explicação Clara da Perfeição Cristã



John Wesley

Este texto foi editado pela *Imprensa Metodista* em 1933, com o título “Explicação Clara da Perfeição Cristã.”

Essa reedição foi ampliada e atualizada por Marília Ferreira Leão, com base no original inglês “A Plain Account of Christian Perfection” publicado por *The Epworth Press* – Londres, 1952.

I. DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA

1. É meu propósito nas páginas seguintes expor os passos distintos pelos quais fui guiado durante o curso de vários anos, a abraçar a doutrina da perfeição cristã. Dedico este trabalho aos sinceros que almejam saber toda a verdade, como ela se revela em Jesus. Apenas estes sentem um profundo interesse por esta doutrina. A estes declararei o assunto tal como é, procurando sempre mostrar, de uma época a outra, o que pensava e porque pensava assim.

2. No ano de 1725, quando tinha 23 anos, chegou às minhas mãos o livro do Bispo Taylor, “Regras e Exercícios para Viver e Morrer Santamente.” Algumas partes deste livro me afetaram grandemente, especialmente a parte que tratava da pureza da intenção. Imediatamente resolvi dedicar a Deus toda a minha vida, todos os pensamentos, palavras e ações, e me convenci de que não havia meio termo; mas que cada parte da minha vida (não apenas alguma) teria de ser um sacrifício ou a Deus ou a mim próprio, e este último seria como se fosse ao diabo.

Pode uma pessoa sincera duvidar disto, ou encontrar maneira de servir a Deus e ao diabo ao mesmo tempo?

3. No ano de 1726, li “A Imitação de Cristo” de Kempis. A natureza e a extensão da religião interior, do coração, apresentou-se-me com maior clareza do que nunca. Compreendi que embora desse toda a minha vida a Deus (supondo que fosse possível fazê-lo e não ir mais além), não me serviria de proveito, a menos que Lhe entregasse o coração, sim, todo o meu coração.

Descobri que “simplicidade de intenção, e pureza de afeição” (quer dizer, um só propósito em tudo quanto falamos e fazemos, um só desejo dominando todas as disposições), são realmente as “asas da alma,” sem as quais ela não pode ascender ao monte de Deus.

4. Depois de um ano ou dois, chegaram-me às mãos “A Perfeição Cristã” e “Sério Apelo para uma Vida Devota e Santa,” ambos da autoria de Law. Estes livros me convenceram ainda mais da impossibilidade de ser um meio cristão; e resolvi, por Sua graça (a absoluta necessidade à qual eu estava profundamente sensível) dedicar-me todo a Deus, dar-lhe toda a alma, corpo e bens.

Dirá qualquer homem sensato que isto é exigir demais? Ou que se deve dar algo a menos que nosso ser, e tudo que temos e somos Àquele que se deu a si mesmo por nós?

5. No ano de 1729, comecei a ler e estudar a Bíblia como a única norma de verdade e o único modelo da religião pura. Em conseqüência vi cada vez mais clara a necessidade indispensável de ter “a mente de Cristo” (1Co 2.16), e de “andar como Ele andou” (1Jo 2.6); de ter, não só uma parte, mas toda a mente que estava n’Ele; e andar como Ele andou, não em algumas, nem na maioria, mas em todas as coisas. E esta foi a luz através da qual considerei, então, a religião como um seguir

contínuo a Cristo, uma completa conformidade interior e exterior com o Messias. E nada me amedrontava mais do que a possibilidade de adaptar esta regra a meus próprios interesses, ou aos dos outros; ou permitir a mim mesmo o menor desvio do nosso grande Exemplo.

6. No dia 1º de janeiro de 1733, preguei perante a Universidade, na igreja de Santa Maria, sobre o tema “A circuncisão do Coração;” doutrina que expliquei da seguinte maneira: “É aquela habitual disposição da alma a que nas Sagradas Escrituras se chama santidade; que significa em primeiro lugar ser limpo do pecado, de toda a impureza, tanto da carne como do espírito; e em consequência, ser revestido das virtudes que houveram em Cristo Jesus; ser ‘renovados na nossa mente’ até sermos perfeitos como nosso Pai que está nos céus é perfeito.” (Works, Vol. V, p. 203).

No mesmo sermão observei que “o amor é o cumprimento da lei” e a finalidade do mandamento. Não apenas o primeiro e maior mandamento, mas todos os mandamentos resumidos em um: “Tudo o que é justo, tudo que é puro, se alguma virtude há e se algum louvor existe,” tudo é cumprido nesta única palavra, Amor. Nisto há perfeição, e glória, e felicidade. A lei real dos céus e da terra é esta: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento” (Lc 10.27). O único bem perfeito será a vossa principal finalidade. Uma coisa desejareis pelo seu valor intrínseco, a posse d’Aquele que é tudo em todos. Uma felicidade procurareis para as vossas almas, a união com Ele que os fez; “ter comunhão com o Pai e o Filho” (1Jo 1.3); estar “unidos com o Senhor em espírito” (1Co 6.17). Deveis seguir um propósito até o fim, que é regozijar-se com Deus nesta vida e por toda a eternidade. Desejai outras coisas que vos conduzam a este fim; amai a criatura enquanto vos conduz ao Criador. Porém, em cada passo que derdes, deixai que este seja o ponto glorioso da vossa visão. Deixai que cada afeição, pensamento, palavra e ação lhe sejam subordinados. Tudo quanto desejais ou temeis, tudo quanto buscais ou evitais, tudo quanto pensais, falais ou fazeis, seja para a vossa felicidade em Deus, o único fim, como também origem do vosso ser (Works, Vol. V, pp. 207-208).

Concluí com estas palavras: “Aqui está o cumprimento da lei perfeita, a circuncisão do coração. Deixai que o espírito volte a Deus que o deu, com a totalidade das suas afeições. Ele não deseja outros sacrifícios além do sacrifício vivo do coração. Que este seja continuamente oferecido a Deus através de Cristo, em chamadas de santo amor. Que nenhuma criatura o compartilhe com Ele; pois Ele é um Deus ciumento. O Seu trono Ele não reparte com outrem; Ele reinará sem rival. Que não se admita no coração outro desejo ou propósito, cujo objeto supremo não seja Ele. Assim nos falam aqueles que antes andavam e agora estão mortos: Desejai a vida apenas para louvar o seu nome; que todos os vossos pensamentos, palavras e obras tendam para Sua glória. Permitted que vossas almas estejam tão plenas de amor por Ele, que nada ameias a não ser a sua causa. Tenhamos pura intenção de coração e demos constante preferência à Sua glória em todas as ações. Porque então, e não antes, haverá em nós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus (Fp 2.15) quando em cada impulso do nosso coração, em cada palavra da nossa

língua, em cada obra das nossas mãos, buscamos só aquilo que se relacione com Ele, e que esteja em subordinação à Sua vontade; quando nós, também, não pensamos, nem falamos, nem agimos para fazer a nossa própria vontade, mas a d'Aquele que nos enviou; quando 'quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, que seja tudo para a glória de Deus'" (Works, Vol. V, p. 211).

Convém observar, que este sermão foi o primeiro de todos os meus trabalhos a ser publicado. Este era o conceito de religião que tinha e não hesitava em chamá-lo pelo termo de Perfeição. É o mesmo conceito que tenho agora, sem qualquer aumento ou diminuição material. E que há em tal conceito ao qual se pode opor qualquer homem entendido que crê na Bíblia? Que poderá ele negar sem contradizer as Escrituras? Que abreviará ele sem diminuir a Palavra de Deus?

7. Meu irmão e eu permanecemos no mesmo sentimento (com todos os jovens, em termo irônico, Metodistas) até embarcarmos para a América, em fins de 1735. Foi no ano seguinte, estando em Savannah, que escrevi as seguintes linhas:

“Há debaixo do sol algo
Que luta contigo meu coração partilhar?
Arranca-o e reina Tu
Como único dono e Senhor dele!”

No princípio de 1738, quando regressava, o clamor do meu coração foi:

“Concede que minha alma
Seja somente do Teu puro amor!
Que esse amor do meu ser inteiro se apodere,
E seja meu gozo, meu tesouro e coroa!
Fogos estranhos, para longe do meu coração remove,
Para que cada ato, palavra e pensamento,
Seja Teu amor a força que os impulsionei!”

Nunca ouvi que alguém discordasse disto. E quem poderia opor-se? Não será esta linguagem não somente de cada crente, mas também de cada um que está realmente avivado? Que tenho escrito até hoje que seja mais vigoroso ou mais explícito?

8. Em agosto do mesmo ano tive na Alemanha uma longa conversa com Arvid Gradin. Depois de contar-me a sua experiência, pedi-lhe que me desse por escrito uma definição de “plena certeza de fé” (Hb 10.22), o que fez através das seguintes palavras:

“Requies in sanguine Christi; firma fiducia in Deum, et persuasio de gatis Divina; tranquillitas mentis summa, atque serenitas et pax; cum absentia omnis desiderii carnalis, et cessatione peccatorum etiam interiorum.”

“Repouso no sangue de Cristo; firme confiança em Deus, e persuasão de Seu favor; a mais alta tranqüilidade, serenidade, e paz de espírito; com libertação de todo o desejo carnal, a cessação dos pecados, até interiores.”

Este foi o primeiro relato que ouvi de qualquer homem daquilo que aprendera só dos oráculos de Deus, e pelo que orara (com a companhia de pequeno grupo de amigos), e esperara durante vários anos.

9. Em 1739, meu irmão e eu publicamos um volume de Hinos e Poemas Sagrados. Em vários deles declaramos firme e explicitamente nossos sentimentos. Conforme p. 24:

Devia o fluxo total da maré da natureza;
Que as nossas ações todas se dirijam
A Ti, sua origem; seja Teu amor, o guia,
Tua glória a finalidade.

Ainda,

Senhor, fortifica-me com o poder do Teu Espírito,
Posto que sou chamado pelo Teu grande nome
Em Ti todos os meus pensamentos errantes se unem,
De todas as minhas obras sejas Tu o alvo;
O Teu amor me assista toda a vida
E a minha única ocupação seja o Teu louvor. (p. 122)

Ainda,

Tão ansioso por Ti eu clamo e suspiro,
Tão forte o princípio Divino,
Leva-me com doce constrangimento,
Até que toda a alma consagrada seja Tua;
Submersa no mar mais profundo da Trindade,
E perdida na Tua imensidão!

Outra vez,

Adão celestial, vida Divina,
Modifica a minha natureza para ser como a Tua;
Move-Te e propaga-Te através da minha alma,
Anima e enche tudo que sou.

Seria fácil citar muitas outras passagens semelhantes. Porém, estas mostram, para além da contradição, o que foram os nossos sentimentos na época.

10. O primeiro tratado que escrevi expressamente sobre este tema foi publicado no fim desse ano. Para que ninguém tivesse preconceito antes de lê-lo,

dei-lhe o título indiferente de “O Caráter de um Metodista.” Nele descrevi o cristão perfeito, escrevendo na primeira página, “Não que o haja alcançado.” Incluo parte dele sem qualquer alteração:

“Um Metodista ‘ama ao Senhor seu Deus com todo seu coração, com toda sua alma, com todo seu entendimento, e com todas as suas forças.’ Deus é a alegria do coração e o desejo da sua alma, que clama continuamente: ‘Quem tenho eu no céu além de Ti? Não há outro em quem eu me compraza na terra! Meu Deus e meu tudo! Tu és a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre’ (Sl 73.25-26). Ele é, portanto, feliz em Deus; sim, sempre feliz, como tendo nele uma fonte de água brotando para a vida eterna e transbordando a alma com paz e gozo. Porquanto o amor perfeito lançou fora o temor, ele se regozija sempre. Seu júbilo é completo e os seus ossos clamam: ‘Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para a sua viva esperança, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para mim’ (1Pe 1.3-4).

“E qualquer que tem esta esperança cheia de imortalidade, em tudo dá graças, sabendo que esta (seja o que for) é para ele a vontade de Deus em Cristo Jesus. D’Ele, portanto, recebe tudo dizendo: ‘Boa é a vontade de Deus e quer seja dado, quer seja tirado, sempre bendize o nome do Senhor.’ Seja no conforto ou na dor, na enfermidade ou saúde, em vida ou morte, do mais fundo do coração dá graças a Ele que tudo ordena para o bem; em cujas mãos entregou totalmente seu corpo de alma, como nas mãos de um fiel criador. Portanto, em nada está ansioso, pois lançou a sua ansiedade sobre Aquele que tem cuidado dele; e em todas as coisas descansa n’Ele depois de apresentar-lhe as suas súplicas em ação de graças.

“Pois, verdadeiramente, ora sem cessar; em todo o tempo a linguagem do seu coração é: ‘Diante de Ti está a minha boca, embora sem voz; e o meu silêncio fala de Ti.’ O seu coração se eleva a Deus em todo o tempo e em todo o lugar. Nisto ele nunca é impedido, muito menos interrompido, por qualquer pessoa ou coisa. A sós ou em companhia, no lazer, negócios ou conversa, o seu coração está sempre com o Senhor. Quer se deite ou se levante, Deus está em todos os seus pensamentos; anda com Deus continuamente; tendo os olhos da alma fixos n’Ele e por toda a parte ‘vendo Aquele que é invisível.’

“E amando a Deus, ama ao próximo como a si mesmo; ama a todos os homens como a sua própria alma. Ama seus inimigos, até os inimigos de Deus. E se não puder fazer bem aos que o aborrecem, ainda não cessa de orar por eles, embora rejeitem o seu amor, o injuriem e persigam.

“Pois ele ‘é puro de coração.’ O amor purificou o seu coração da inveja, malícia, ira e toda má disposição. Limpou-lhe o orgulho que só traz contendas e agora tem ‘ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade’ (Cl 3.12). Ninguém pode tirar-lhe este tesouro, visto que não ama ‘o mundo nem as coisas do mundo’ (1Jo 2.15), pois todo o seu desejo é para Deus e para lembrança do Seu nome.

“De acordo com o seu único desejo, o único objetivo da sua vida é fazer não a sua própria vontade, mas ‘a vontade de Deus que o enviou.’ Sua única intenção em todo o tempo e em todo o lugar é não agradar a si mesmo, mas Aquele a quem sua alma ama. Tem olhos singelos, pois, ‘se os olhos forem bons, todo o corpo terá luz’ (Mt 6.22). Tudo é luz, como quando ‘o brilho de uma vela ilumina a casa.’ Deus reina; tudo que se encontra na alma é santidade do Senhor. Não há em seu coração qualquer motivo que não esteja de acordo com a vontade divina. Todo o pensamento que surge aponta para Ele e está em obediência à lei de Cristo.

“Conhece-se a árvore pelos frutos. Assim como ele ama a Deus, guarda os seus mandamentos; não só alguns ou a maioria; mas todos, desde o menor até o maior. Não se contenta em guardar toda a lei e falhar num detalhe, mas em todos os pontos tem uma consciência livre de ofensa para com Deus e o homem (At 24.16). O que Deus proibiu ele evita; o que Deus mandou ele faz. Segue os mandamentos de Deus, já que Deus libertou o seu coração. Proceder assim é sua glória e alegria; sua coroa diária de regozijo é fazer a vontade de Deus assim na terra como no céu.

“Ele guarda todos os mandamentos de Deus, e com toda a sua força; pois, a sua obediência está em proporção ao seu amor, fonte de onde ela emana. Por conseguinte, amando a Deus de todo o coração, serve-O com todas as forças; apresenta continuamente a alma e o corpo em ‘sacrifício vivo, santo e agradável a Deus;’ inteiramente e sem reservas devotando tudo quanto tem e quanto é, à Sua glória. Todos os talentos que possui, emprega-os constantemente conforme a vontade do Mestre – cada capacidade e faculdade de sua alma, cada membro de seu corpo.

“Por conseguinte, tudo quanto faz é para a glória de Deus. Em suas ocupações não só procura atingir o fim (o qual implica em ter olhos singelos), mas o consegue; seus negócios, seus divertimentos, tanto quanto suas orações, tudo serve para este grande fim. Quer ‘se sente em casa, ou ande pelo caminho,’ quer se deite ou se levante, promove com tudo que fala e faz este único bem da sua vida. Seja em vestir-se, ou trabalhar, ou comer e beber, ou divertir-se depois de um trabalho desgastante, tudo tende para a glória de Deus, por meio da paz e da boa vontade entre os homens. A sua regra invariável é esta: ‘E tudo quanto fizerdes seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai’ (Cl 3.17).

“As preocupações do mundo não lhe impedem correr a ‘carreira que lhe foi proposta’ (Hb 12.1). Não consegue, portanto, ‘ajuntar tesouros na terra,’ da mesma maneira que não acenderia fogo em seu próprio peito. Não fala mal do vizinho, como não pode mentir a Deus ou ao próximo. Não profere palavras duras contra ninguém; pois é o amor que guarda a porta dos seus lábios. Não diz palavras ociosas; nenhuma conversa corrupta sai da sua boca. A conversa ociosa é aquela que não edifica e não serve para ministrar graça aos ouvintes. Mas ‘tudo que é

puro, tudo que é amável, tudo que é justo' (Fp 4.8) ele pensa, fala e age e assim 'orna, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador' (Tt 2.10).”

Estas são as próprias palavras com que declarei, pela primeira vez, os meus conceitos da Perfeição Cristã. E não se vê bem claro, (1) que este é o mesmo ponto para o qual caminhava desde 1725 e, com ainda mais determinação, desde 1730, quando comecei a ser *homo unius libri*, “um homem de um só livro,” não considerando nenhum outro, relativamente falando, senão a Bíblia? Não é fácil ver assim (2) que esta é a mesma doutrina que creio e ensino até hoje; sem adicionar um ponto sequer à santidade interior ou exterior que sustenho há 38 anos? E é a mesma, que pela graça de Deus, continuo ensinando até agora; como poderá uma pessoa ver de modo imparcial, por meio das citações que seguem.

11. Até hoje não conheço escritor que tenha feito objeção a esse tratado; e por muito tempo não encontrei grande oposição quanto ao título, pelo menos não por pessoas sérias. Porém, mais tarde surgiu a oposição. O que me surpreendeu foi provir de homens religiosos, que afirmaram, não que eu tivesse apresentado mal a perfeição, mas que “não havia perfeição na terra;” atacando-me e a meu irmão com veemência por termos afirmado o contrário. Não esperávamos um ataque tão forte, especialmente quando estávamos de acordo sobre a justificação pela fé, e tivemos o cuidado de atribuir apenas à graça de Deus. Mas o que mais nos surpreendeu foi a acusação de “desonrarmos a Cristo” pela afirmação de que Ele pode “salvar totalmente” (Hb 7.25) e afirmar que Ele reinará sem rival em nossos corações, e submeterá todas as coisas à Sua vontade.

12. Penso que foi no fim de 1740 que tive em Whitehall uma conversa com Dr. Gibson, então bispo de Londres. Perguntou-me o que eu queria dizer com o termo Perfeição. Eu disse a ele sem dissimulação ou reservas. Ao terminar a exposição ele disse: “Senhor Wesley, se é só isto que quer dizer, publique-o para todo mundo. Se alguém pode refutar o que o senhor disse, é livre para fazê-lo.” Repliquei: “Senhor, assim o farei” e, em consequência, escrevi e publiquei o sermão “A Perfeição Cristã.” Nele tratei de mostrar, (1) em que sentido não são perfeitos os cristãos e (2) em que sentido o são.

(1) Em que sentido não o são? Não são perfeitos em conhecimento. Não são livres de ignorância, nem de enganos. Assim como não esperamos onisciência de um homem, tampouco esperamos infalibilidade. Não estão isentos de enfermidades, tais como fraqueza ou lentidão de entendimento, irregularidade de imaginação (ativa ou preguiçosa). Outras fraquezas seriam impropriedade de linguagem, pronúncia pouco elegante, às quais poderíamos acrescentar mil outros defeitos de expressão ou de conduta. Ninguém está livre de fraquezas como estas, até que o seu espírito volte de novo para Deus. Também temos de esperar até lá para estarmos livres da tentação, porque “o servo não é maior que o seu senhor.” Neste sentido, não perfeição absoluta na terra. Não existe perfeição neste mundo que não admita um crescimento contínuo.

(2) Em que sentido são perfeitos? Observai, não falamos de bebês em Cristo, mas de cristãos maduros. Porém, até os bebês em Cristo só são perfeitos quando não cometem pecado. O apóstolo João declara-o expressamente; e não se pode negar este princípio pelos exemplos do Antigo Testamento. Alguém dirá que os mais santos dos judeus antigos cometiam pecado; todavia, não se deve concluir disto que todos os crentes pecam e têm que pecar enquanto viverem.

Mas não dizem as Escrituras que um homem justo peca sete vezes ao dia? Não é isto. Ao invés diz: “Sete vezes cairá o justo” (Pv 24.16). Esta idéia é muito diferente, porque, em primeiro lugar, as palavras “ao dia” não se encontram no texto. Em segundo lugar, não há menção de cair em pecado. O que é mencionado é cair em aflição temporal.

Em outro lugar Salomão diz: “Não há homem justo sobre a terra.” Indubitavelmente era assim nos dias de Salomão; e de Salomão até Cristo não houve homem que não pecasse. Mas seja qual for o caso daqueles debaixo da lei, podemos afirmar com João, que desde que foi dado o Evangelho, “todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado” (1Jo 3.9).

Os privilégios dos cristãos não podem ser medidos de maneira alguma por aquilo que o Antigo Testamento registra a respeito daqueles que estavam debaixo da dispensação judaica; visto que a plenitude dos tempos já chegou, o Espírito Santo foi dado e a grande salvação de Deus foi concedida aos homens pela revelação de Jesus Cristo. O reino de Deus está estabelecido na terra, a respeito do qual o Espírito de Deus declarou no passado (tão longe está Davi de ser a norma ou o exemplo da Perfeição Cristã), “O mais fraco dentre eles nesse dia será como Davi, e a casa de Davi será como Deus, como o anjo do Senhor diante deles” (Zc 12.8).

Os próprios apóstolos cometeram pecado: Pedro pelas suas negações, Paulo com sua forte contenda com Barnabé. Suponhamos que assim foi, argumentará você: “Se dois dos apóstolos pecaram no passado, então todos os cristãos de todas as épocas cometem e têm de cometer pecado enquanto viverem?” Não, Deus permita que não falemos assim. Realmente, não era necessário que pecassem; sem dúvida, a graça de Deus era suficiente para eles. E é suficiente para nós hoje.

O apóstolo Tiago disse: “Porque todos tropeçamos em muitas coisas” (Tg 3.2). Verdade. Mas de quem fala aqui? Refere-se a “muitos mestres” não enviados por Deus; não se refere a si mesmo, nem a qualquer cristão verdadeiro. Uma prova de que o uso de nós (uma figura de linguagem comum em todas as escrituras, tanto seculares como sagradas) não pode referir-se ao apóstolo nem a qualquer outro crente verdadeiro, aparece primeiro no versículo nove: “Com ela bendizemos ao Senhor e Pai; também com ela amaldiçoamos os homens” (Tg 3.9). Com certeza não quer dizer nós, os apóstolos, nem nós os crentes! Segundo, deduz-se isto pelas palavras do texto: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo. Porque todos tropeçamos em muitas coisas.” Nós! Quem? Não os apóstolos, nem os verdadeiros crentes, porque se segue

imediatamente a menção de alguém que não tropeça. Este se distingue de “todos” na primeira parte do versículo, e é chamado “varão perfeito.”

Mas João mesmo disse: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (Jo 1.8). Também disse: “Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a verdade não está em nós” (1Jo 1.10).

Eu respondo: (1) O versículo dez esclarece o sentido do versículo oito: “Se dissermos que não temos pecado,” explicado por “Se dissermos que não temos cometido pecado.” (2) Não se trata de termos pecado ou não; nenhum dos versículos afirma que pecamos ou cometemos pecado agora. (3) O nono versículo explica tanto o oitavo quanto o décimo: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.” É como se tivesse dito: “Tenho afirmado, o sangue de Cristo limpa de todo o pecado!” E nenhum homem pode dizer: “Não preciso dele; não tenho pecado do qual preciso ser limpo.” “Se dissermos que não temos pecado,” isto é, “não temos cometido pecado, enganamo-nos a nós mesmos” e fazemos a Deus mentiroso; mas “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo,” não só para perdoar os nossos pecados, mas também para “nos limpar de toda a injustiça,” para que “possamos ir e não pecar mais.” Em conformidade, pois, com a doutrina de João e o espírito do Novo Testamento, tiramos esta conclusão: todo o cristão é perfeito no sentido de que não peca.

Este é o privilégio glorioso de cada cristão, embora seja um menino em Cristo. Mas só de cristãos maduros se pode afirmar que, em segundo lugar, são perfeitos no sentido de serem livres de maus pensamentos, de mau gênio. Primeiro, de pensamentos maus ou pecaminosos. Donde realmente nascem estes? “Porque de dentro, do coração dos homens, procedem os maus desígnios...” (Mc 7.21). Se, portanto, o coração já não é mau, então dele não podem proceder maus desígnios: porque “não pode a árvore boa produzir frutos maus” (Mt 7.18).

Da mesma maneira que estão livres de maus pensamentos ou desígnios também o estão do mau gênio. Cada um pode dizer com Paulo: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.19-20), palavras que manifestamente descrevem liberdade tanto do pecado interior como exterior. Esta liberdade está expressa negativamente, “não sou eu quem vive” (quer dizer, tinha natureza vil, o corpo do pecado é destruído) e positivamente, “Cristo vive em mim;” e portanto, tudo que é santo, justo e bom. Estas duas frases “Cristo vive em mim” e “não sou eu quem vive,” são inseparáveis. Pois que comunhão tem a luz com as trevas, ou Cristo com Belial?

Portanto, Ele que vive nestes cristãos purificou os seus corações pela fé; porquanto qualquer que tem a Cristo “a esperança da glória” (Cl 1.27), “a si mesmo se purifica assim como ele é puro” (1Jo 3.3). É purificado do orgulho porque Cristo foi humilde de coração. Está livre de maus desejos e vontade obstinada, porque Cristo desejava fazer somente a vontade do Pai. Está livre da ira, no sentido vulgar

da palavra, porque ele se irava contra o pecado, ao mesmo tempo que sentia compaixão pelo pecador. Sente uma aversão por cada ofensa a Deus, mas terna compaixão pelo ofensor.

Assim salva Jesus “o seu povo dos pecados delês” (Mt 1.21), não só dos pecados exteriores, mas também dos pecados dos seus corações. “É verdade,” dizem alguns, “mas não enquanto vivemos, só na hora da morte.” Não obstante, João diz: “Nisto é em nós aperfeiçoado o amor; para que no dia do juízo mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo” (1Jo 4.17). Aqui o apóstolo, sem dúvida, fala de si mesmo e de outros cristãos ainda vivos, dos quais afirma enfaticamente que, não apenas na hora da morte, mas neste mundo são como o seu Mestre.

Em estreita conformidade com isto, João nos diz no primeiro capítulo: “Deus é luz e não há n’Ele treva alguma” (1Jo 1.5). “Se, porém, andarmos na luz como Ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1Jo 1.7). E outro versículo diz: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (v. 9). Agora, é evidente que o apóstolo fala de libertação efetuada neste mundo. Porque ele não diz: O sangue de Jesus *vai* purificar (na hora da morte ou no dia do juízo) mas que purifica atualmente, no presente, como cristãos vivos, “de toda injustiça.” É igualmente evidente que, se fica algum pecado, não somos limpos de todos. Se qualquer injustiça resta na alma, ela não é purificada de toda injustiça. Que ninguém diga que isto se refere apenas à justificação, ou à limpeza da culpa do pecado: primeiro, porque isto é confundir o que o apóstolo claramente distingue, pois menciona “perdoar nossos pecados” e depois, “purificar de toda injustiça.” Em segundo lugar, porque assim havia de ensinar, no sentido mais enfático possível, a justificação pelas obras; seria tornar a santidade, tanto exterior quanto interior, necessariamente anterior à justificação. Porque se a limpeza que aqui se fala apenas trata da culpa do pecado, então não somos limpos da culpa, isto é, não justificados, a menos que andemos na luz como Ele está na luz. Persiste, então, a verdade que os cristãos são salvos neste mundo de todo pecado, de toda injustiça; estão de tal modo perfeitos que não cometem pecados, e ficam livres de maus pensamentos e de mau gênio.

Um discurso deste tipo que contradizia diretamente a opinião defendida por muitos, considerados por outros e, possivelmente, por si mesmos, como os melhores cristãos, não poderia deixar de ser motivo de grande ofensa para eles. (Embora, se fosse assim, não seriam cristãos). Portanto, eu esperava bastante protesto ou animosidade, mas fui agradavelmente desapontado. Não houve protestos. Assim segui tranqüilamente o meu caminho.

13. Pouco depois, creio que na primavera de 1741, publicamos um segundo volume de hinos. Como a doutrina era ainda mal compreendida, e, em conseqüência, mal representada, julguei necessário explicar mais sobre ela; o que fiz no prólogo, como segue:

Este grande dom de Deus, a salvação de nossas almas, não é mais do que a imagem de Deus estampada de novo em nossos corações. É uma renovação dos crentes no espírito das suas mentes à semelhança d'Aquele que os criou. Deus agora pôs o machado à raiz da árvore, purificando os seus corações pela fé, e seus pensamentos pela inspiração do Espírito Santo. Com a esperança de que verão a Deus tal como ele é, purificam-se “assim como Ele é puro” (1Jo 3.3) e “segundo é santo aquele que vos chamou,” tornaram-se santos “em todo vosso procedimento” (1Pe 1.15). Não que hajam alcançado tudo que alcançarão, ou que neste sentido já sejam perfeitos. Mas, diariamente, vão de força em força, “contemplando como por espelho a glória do Senhor,” são “transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, no Espírito” (2Co 3.18).

“E onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade” (2Co 3.17); tal liberdade da lei do pecado e da morte (Rm 8.2) que os filhos deste mundo não crêem, embora lhes seja declarada por um fiel. A estes seres nascidos de Deus, o Filho libertou da grande raiz do pecado, amargura e orgulho. Sentem que toda sua “suficiência é de Deus,” que só Ele está em seus pensamentos, e que neles “efetua tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 3.13). Sentem que não são eles que falam mas o Espírito do Pai que está neles. De maneira que Deus é para eles tudo em tudo, e eles “servos inúteis.” Estão livres da obstinação, desejando somente a santa e perfeita vontade de Deus: não o suprimento de suas necessidades, não o alívio da dor,¹ nem vida, nem morte, ou qualquer criatura; mas clamando continuamente no íntimo da sua alma: “Pai, seja feita a Tua vontade.” São livres de pensamentos maus e estes não podem entrar neles por um momento sequer. Outrora, quando chegava um pensamento mau, olhavam para o alto e ele desaparecia. Mas agora não entra, pois não há lugar para ele numa alma cheia de Deus. Estão livres de distrações na oração. Quando derramam os corações diante de Deus, não pensam no passado,² presente ou futuro, mas somente em Deus. Outrora, entravam pensamentos que distraíam, mas depois desapareciam como vapor. Não têm temor, nem dúvida, quanto ao seu estado em geral, ou quanto a qualquer ação em particular.³ A cada hora a unção do Espírito Santo ensina o que devem falar e fazer;⁴ portanto, não têm necessidade de discutir o caso.⁵ Em certo sentido estão livres de tentação; embora elas os cerquem, não os incomodam.⁶ Há sempre tranqüilidade em suas almas e seus corações estão firmes. Sua paz, fluindo como um rio, ultrapassa todo o entendimento e se regozija como gozo inefável e glorioso. Pois são selados pelo Espírito até o dia da redenção, sabendo que está guardada para eles uma coroa de justiça que o Senhor lhes dará naquele dia.⁷

¹ Isto é demasiadamente forte. O próprio Senhor desejou alívio para a dor. Pediu-o com resignação: “Não como eu quero... mas como Tu queres.”

² Também forte demais. Veja-se o sermão “Sobre Pensamentos que Vagueiam.”

³ Frequentemente é o caso; mas para pouco tempo.

⁴ Por pouco tempo pode ser assim; mas não sempre.

⁵ Às vezes não sentem necessidade de fazê-lo; outras, sentem.

⁶ Às vezes não são tentados; outras vezes são fortemente tentados.

⁷ Nem todos são alvos do pecado; muitos não chegaram ainda a este ponto.

Não quero dizer que todo aquele que não tenha sido de tal maneira renovado em amor, seja filho do diabo. Ao contrário, qualquer que tem segura confiança em Deus de que pelos méritos de Cristo seus pecados estão perdoados, é um filho de Deus; e se permanece n'Ele, é herdeiro de todas as promessas. Não deve de modo algum perder a confiança, ou negar a fé que recebeu por ela ser débil, ou provada pelo fogo, ainda que a sua alma esteja abatida por múltiplas tentações.

Não nos atrevemos a afirmar, como alguns, que toda a salvação é dada de uma vez. Há realmente uma obra instantânea de Deus em seus filhos como também uma gradual; e sabemos que existe uma nuvem de testemunhas que receberam num dado momento um testemunho claro do perdão de seus pecados, ou da habitação do Espírito Santo. Porém, não conhecemos um único caso, em qualquer lugar, de alguém que tenha recebido, no mesmo instante a remissão dos pecados, o testemunho da habitação do Espírito e um coração limpo e novo.

Realmente não podemos dizer como Deus opera; mas a maneira geral em que o faz é esta: aqueles que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos e que tinham abundância de bens sem necessidade de outra coisa, agora, questionados pela Palavra de Deus, aplicada pelo Espírito Santo, reconhecem que na verdade são pobres e nus. Todas as coisas que têm feito são recordadas e apresentadas, de maneira que vêm a ira de Deus sobre eles e reconhecem que merecem ser condenados ao inferno. Na sua angústia clamam ao Senhor, e Ele lhes mostra que perdoou seus pecados, e estabelece o reino dos céus em seus corações, que é “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17). A dor e a tristeza desaparecem, e o pecado não os domina mais. Sabendo que foram justificados gratuitamente mediante a fé em seu sangue, têm “paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1); regozijam-se na “esperança da glória de Deus” (Rm 5.2), e o “amor de Deus é derramado” em seus corações (Rm 5.5).

Neste estado de paz permanecem alguns dias, semanas, meses e geralmente supõem que não terão mais luta; até que alguns dos velhos adversários, pecados internos, ou o pecado que de perto os rodeava (talvez a ira ou mau desejo), os assalte de novo, com dardos que podem fazê-los cair. Então surge o receio que não possam perseverar até o fim; e às vezes pensam que, talvez, Deus os tenha esquecido, ou que se haviam enganado ao pensar que Deus perdoara os seus pecados. Sob estas nuvens, especialmente se mantêm diálogo com o diabo, andam amargurados todo o dia. Mas raras vezes se prolonga este estado antes que o Senhor responda por si mesmo, enviando-lhes o Espírito Santo para os consolar e testificar com seu espírito que são filhos de Deus (Rm 8.16). Então tornam-se como meninos, mansos, dóceis e suscetíveis ao ensino.

E agora percebem pela primeira vez o estado de seu coração,⁸ o qual Deus não lhes revelara a fim de que não desfalecessem diante d'Ele a alma e o Espírito que Ele criara. Agora vêm neles toda a abominação oculta, e profundidade do orgulho, da vontade própria e do inferno. Não obstante, no meio desta ardente

⁸ Não é de admirar que alguém diga que esta é uma doutrina nova e que eu nunca antes ensinei, visto que este livro existe há vinte e quatro anos?

prova, que aumenta cada vez mais o reconhecimento da sua própria impotência e seu desejo de uma plena renovação à imagem de Deus em verdadeira justiça e santidade, têm em si mesmos este testemunho: “És herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo.”

Então, se lembra do desejo daqueles que O temem e lhes dá olhos singelos e coração puro; imprime neles a sua própria imagem e inscrição; cria-os de novo em Jesus Cristo; chega a eles com Seu Filho e Seu bendito Espírito, fixando morada nas suas almas, fá-los entrar no repouso que resta “para o povo de Deus” (Hb 4.9).

Aqui não posso deixar de notar que esta é a explicação mais forte da Perfeição Cristã que jamais dei; na verdade demasiado vigorosa em mais do que um ponto, como se verá nas notas anexas. Não temos acrescentado nada ao assunto, quer em verso quer em prosa, que não esteja direta ou indiretamente incluído neste prefácio. Seja certa ou errada, é a mesma doutrina que ensinamos desde o princípio.

14. Não necessito dar provas adicionais disto colocando mais citações do livro. Talvez baste citar parte de um hino, o último do livro:

Senhor, eu creio que resta um repouso
Conhecido por todo o Teu povo;
Um descanso onde reina puro gozo,
E Tu és o único ser amado;

Um descanso onde todo o desejo da alma
É fixo em coisas do alto;
Onde a dúvida, a dor e o medo expiram,
Lançados fora pelo perfeito amor.

De todo motivo vil libertados,
(Foi o Filho Quem nos libertou),
Em todos os poderes do inferno pisamos,
Em gloriosa liberdade.

Seguros no caminho da vida.
Sobre a morte, o mundo e o inferno nos elevamos;
E aperfeiçoados em amor, encontramos
O nosso paraíso há muito desejado.

Oh, que agora o descanso conheça
Cria e entre nele!
Agora, Salvador, o poder me conceda
Liberdade total do pecado!

Retira do meu coração esta dureza,
Esta incredulidade remove;

Concede-me o descanso da fé,
O repouso do Teu amor.

Vem, Senhor, vem agora!
Até minha alma descer!
Não Te afastes da Tua criatura,
Meu Autor e meu fim.

O gozo que para mim preparaste,
Não se demore mais,
Chegue a mim a recompensa,
Para a qual fui feito desde o princípio.

Vem Pai, Filho e Espírito Santo,
E põe-me o selo da Tua morada!
Tudo que sou se perca em Ti:
Que tudo seja perdido em Deus!

Carlos Wesley, 1740.

Pode haver algo mais claro. (1) Que aqui temos a salvação mais plena e mais alta de que jamais falamos? (2) Que falamos dela como recebida por mera fé, e impiedade apenas pela incredulidade? (3) Que esta fé e, em conseqüência, a salvação que traz, é apresentada como algo que se pode receber num instante? (4) Que afirmamos que este instante pode ser agora, que não precisamos esperar um momento mais: “Eis agora o tempo aceitável, eis agora o dia da salvação” (2Co 6.2). E, por último, se alguém fala de outro modo, está apresentando uma doutrina nova entre nós?

15. Cerca de um ano mais tarde, em 1742, publicamos um outro volume de hinos. A controvérsia chegara ao auge e falamos mais extensamente do que nunca sobre o tema. Conseqüentemente, um grande número de hinos neste livro trata expressamente deste assunto. Como é curto, não é demais incluir aqui o prefácio:

(1) Talvez o preconceito geral contra a doutrina da Perfeição Cristã possa ter nascido de uma interpretação errônea da sua natureza. Abertamente admitimos e continuamente declaramos que nesta vida não há tal perfeição que implica em fazer o bem e atender a todas as ordenanças de Deus por um lado, ou que nos livre da ignorância, do equívoco, da tentação e de mil fraquezas relacionadas com a carne e o sangue.

(2) Em primeiro lugar, não só admitimos, mas sinceramente sustentamos, que não há nesta vida qualquer perfeição que nos isente de cumprir todas as ordenanças de Deus, ou de fazer bem ao semelhante enquanto vivermos, “principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). Cremos que é indispensável, tanto para os recém-nascidos em Cristo, como para os amadurecidos no homem interior que, quantas vezes possam, “comam do pão e bebam do vinho em memória d’Ele,”

e “examinem as Escrituras” e por meio de jejuns e temperança mantenham seus corpos em sujeição; e, sobretudo, que derramem suas almas em oração, tanto em secreto como publicamente.

(3) Em segundo lugar, cremos que não há perfeição nesta vida que garanta uma completa imunidade quanto à ignorância ou a erros em coisas não essenciais à salvação, ou a múltiplas tentações, numerosas fraquezas com as quais o corpo corruptível mais ou menos oprime a alma. Não encontramos nas Escrituras qualquer base que nos faça supor que o homem nascido da mulher possa estar inteiramente isento de enfermidades físicas ou de ignorância de muitas coisas, que seja incapaz de equivocar-se, ou de cair em várias tentações.

(4) Surge esta pergunta: “Mas a quem se refere, então, quando fala de um que é perfeito?” Referimo-nos àquele que tem a “mente de Cristo” (1Co 2.16) que anda como Cristo andou (1Jo 2.6), um homem de “mãos limpas e coração puro” (Sl 24.4). Por outras palavras, um homem perfeito é limpo de “toda impureza, tanto da carne como do espírito” (2Co 7.1), em quem não há tropeço e que, assim, não comete pecado. Para esclarecer um pouco mais, entendemos pela expressão escriturística “um homem perfeito,” aquele em que esta promessa de Deus foi cumprida: “De todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei... Livrar-vos-ei de todas as vossas imundícies” (Ez 36.25 e 29). Entendemos por isto, a quem santificou em tudo, “espírito, alma e corpo” (1Ts 5.23), que anda na luz “como ele está na luz, não há nele treva alguma; e o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, o purificou de todo o pecado” (1Jo 1.5 e 7).

(5) Este homem pode testificar a toda a humanidade: “Estou crucificado com Cristo; já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.19-20). Ele é santo como é santo o Deus que o chamou, tanto de coração como em todo o procedimento. Ama ao Senhor seu Deus de todo o coração e O serve com todas as forças. Ama ao próximo como a si mesmo, assim como Cristo nos ama; particularmente aqueles que o perseguem e desprezam, porque não conhecem o Filho, nem o Pai. Na verdade, a sua alma é toda amor, cheia de “ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (Cl 3.12). Sua vida, portanto, está plena de fé, paciência, esperança, e de obras de amor. E tudo quanto faz, seja em palavra seja em ação, faz tudo no nome, no amor e no poder do Senhor Jesus. Em resumo, ele faz a vontade de Deus “assim na terra como no céu.”

(6) Isto é ser um homem perfeito, ser totalmente santificado; e, como diz o arcebispo Archer, “é ter um coração tão ardente com o amor de Deus, que continuamente ofereça cada pensamento, palavra e obra, como sacrifício espiritual, agradável a Deus em Cristo. Nos pensamentos do nosso coração, nas palavras da nossa língua, em toda a obra das nossas mãos, expressamos louvor Àquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” Que todos nós, como quantos buscam ao Senhor com sinceridade, “sejamos feitos perfeitos!”

Esta é a doutrina que pregamos desde o princípio e que pregamos até hoje. É certo, depois de examiná-la sob cada ponto de vista, e compará-la vez após vez com a Palavra de Deus e a experiência de seus filhos, tivemos uma compreensão mais profunda da natureza e prioridades da Perfeição Cristã. Porém, apesar disto, não há qualquer contradição entre os nossos primeiros conceitos e os últimos. O nosso primeiro conceito foi: Ter a mente de Cristo e andar como Ele andou (ter toda a mente de Cristo e andar sempre como Ele andou). Em outras palavras, estar interior e exteriormente consagrado a Deus; uma consagração de coração e vida. Temos o mesmo conceito agora sem adicionar ou subtrair nada.

16. Os hinos concernentes a este volume são muito numerosos para transcrevê-los. Citarei apenas parte de três deles:

Salvador do pecado, eu espero provar
Que Jesus é teu nome que sara.
Perder, quando aperfeiçoado em amor,
Qualquer coisa que eu tenha, possa ou seja:
Eu permaneço na Tua fiel palavra:
“O servo será como seu Senhor.”

Resposta cheia de graça em mim
Por quem Tua preciosa vida foi dada
Redime de toda a iniquidade,
Restaura, e faz-me encontrar o céu.
A menos que Tu limpes todas as minhas manchas,
Teu sofrimento e minha fé são vãos.

Se Tu não tivesses morrido, como poderia eu viver
Não mais para mim mesmo, mas para Ti?
Poderia corpo, alma e espírito dar a Ele
Que deu a si mesmo por mim?
Venha então, meu Senhor, e meu Deus,
Tome a compra feita pelo Teu sangue.

A única súplica peculiar do teu servo,
Pela tua verdade e pela tua misericórdia,
Santifica em mim Teu glorioso nome,
Toma-me para Ti neste momento,
Modifica-me e purifica-me completamente;
Possa eu viver e morrer Teu. (P. 80)

Me escolhe do mundo, se eu permanecer adornado com a retidão divina;
Se, trazido para a terra prometida,
Eu somente chamar meu Salvador.
Derrama do Teu Espírito santificador
Para saciar minha sede e me limpar.

Agora, Salvador, deixe que a água graciosa desça
E me faça puro do pecado.

Limpa-me de toda a mancha pecaminosa,
Que meus ídolos sejam todos abandonados:
Purifica-me de todo o pensamento mau, de toda sujeira de orgulho e
egoísmo.
O ódio da mente carnal remove da minha carne de uma vez.
Dê-me um coração meigo, resignado e puro e cheio de fé e amor.

Oh, que agora, liberto do pecado,
Possa provar Tua palavra ao máximo,
Entrar no Teu descanso prometido,
A Canaã de Teu perfeito amor.
Agora deixa-me ganhar a maturidade,
Não me deixes cair.
Seja eu menos do que nada,
E sentir que Cristo é tudo em todos! (P. 258)

Senhor, eu creio que o trabalho da Tua graça
É perfeito na alma!
O coração daquele que vê Tua face é puro,
Seu espírito é aperfeiçoado.
Salvo, pela Tua Palavra, de toda a doença,
De toda a enfermidade, salvo,
Restaurado na perfeita saúde,
Na perfeita santidade.

Ele caminha em gloriosa liberdade,
Morto para o pecado inteiramente,
A Verdade (o Filho), libertou-o,
E ele é realmente livre.

Através da sua alma Tua glória brilha,
Sua alma é toda renovada.
Firmado na divina retidão,
Vestido e cheio de Deus.
Este é o descanso, a vida, a paz,
Que todo o Teu povo prova;
O amor é o vínculo da perfeição,
E a alma de Teu povo é amor.

Oh, alegre som da graça do Evangelho!
Cristo aparecerá em mim,
Eu, até eu, verei a Tua face,
Serei santo aqui.

Ele visita agora a casa de barro
Ele sacode Sua futura casa
Oh, Tu poderias, Senhor, neste dia feliz
Entrar no Teu templo.

Vem, oh, meu Senhor, revela-te,
Enche todo este vazio.
Somente Tu podes encher meu espírito,
Vem, oh, meu Deus, meu Deus!

Satisfaz, satisfaz, meus grandes desejos,
Grandes como o infinito,
Dê-me, dê-me tudo que a minha alma almeja,
Tudo, tudo que há em Ti. (P. 298)

17. Na segunda-feira, 25 de junho de 1744, demos início à primeira conferência, estando presentes seis clérigos e todos os nossos pregadores. Na manhã seguinte consideramos seriamente a doutrina da santificação ou perfeição. As perguntas feitas em relação a esta doutrina e a essência das respostas dadas foram as seguintes:

P: Que quer dizer ser santificado?

R: Ser renovado à imagem de Deus, “em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4.24).

P: Que se entende por ser um cristão perfeito?

R: Amar a Deus de todo o coração, alma e força (Dt 6.5).

P: Significará ser liberto de todo o pecado interior?

R: Certamente. De que outro modo poderíamos ser salvos de nossas imundícies? (Ez 36.29).

A nossa segunda conferência começou no dia 1º de agosto de 1745. Na manhã do dia seguinte falamos da santificação nos termos que seguem:

P: Quando principia a santificação interior?

R: Desde o momento em que o homem é justificado. (Todavia, o germe do pecado permanece nele até que seja santificado completamente). Desde este momento um crente morre gradualmente para o pecado e cresce na graça.

P: Geralmente o homem não é santificado apenas alguns momentos antes de morrer?

R: Se isto ocorre assim, é por causa da sua falta de fé para recebê-la antes.

P: Mas podemos ter fé para recebê-la antes?

R: Claro que sim. Pois, embora admitamos (1) que a maioria dos crentes que conhecemos não foram santificados até momentos antes de sua morte; (2) que poucos daqueles para quem Paulo escreveu as suas epístolas o foram quando ele lhes escreveu; e (3) que nem o próprio Paulo estava santificado quando escreveu as suas primeiras epístolas; não obstante tudo isto, não é prova que refute o podermos ser santificados agora.

P: Como devemos pregar a santificação?

R: Devemos apresentá-la de maneira persuasiva e atraente, sem apelar para a força, àqueles que andam na promessa e aos indiferentes devemos apresentá-la com cuidado.

Nossa terceira conferência teve lugar em 26 de maio de 1746. Nesta lemos cuidadosamente as atas das anteriores, para averiguar se havia algo em seu conteúdo a suprimir ou a modificar depois de uma consideração mais madura. Mas não encontramos nada que motivasse qualquer mudança no que anteriormente havíamos concordado.

Na terça-feira, 16 de junho de 1747, reunimo-nos para a quarta conferência. Como estavam presentes várias pessoas que não criam na doutrina da perfeição, concordamos em examiná-la desde o seu fundamento. Foram feitas as seguintes perguntas:

P: Em que ponto estão de acordo conosco os nossos irmãos que diferem de nós com respeito à inteira santificação?

R: Eles admitem, (1) que cada um deve ser inteiramente santificado na hora da morte. (2) Que até então o crente cresce na graça diariamente, chegando-se mais e mais à perfeição. (3) Que devemos prosseguir sempre em direção a ela e exortar os outros a fazerem o mesmo.

P: Que lhes concedemos nós?

R: Concedemos, (1) que muitos daqueles que morreram na fé, mesmo a maior parte daqueles que conhecemos, não foram aperfeiçoados em amor até pouco antes da morte. (2) Que o termo santificado é aplicado por Paulo a todos os justificados. (3) Que por este termo, santificado, o apóstolo raras vezes, se alguma, quer dizer salvo de todo pecado. (4) Que, por conseguinte, não é próprio usá-lo em tal sentido sem adicionar a palavra inteira, completamente ou algo semelhante. (5) Que os escritores inspirados quase sempre falam de ou para os justificados, mas

raras vezes de ou para os inteiramente santificados.⁹ (6) Que nos convém falar quase continuamente do estado da justificação; mas mais raramente¹⁰ (ao menos em termos explícitos) da inteira santificação.

P: Qual é, então, o ponto onde nos dividimos?

R: É este: Deveremos esperar ser salvos de todo o pecado antes do momento de morrer?

P: Há alguma promessa bíblica que diga claramente que Deus nos salvará de todo pecado?

R: Há, sim. “É Ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades” (Sl 130.8). Esta promessa está mais amplamente expressa na profecia de Ezequiel: “Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Livrar-vos-ei de todas as vossas imundícies...” (Ez 36.25 e 29). Não pode haver promessa mais clara. A ela se refere o apóstolo na exortação: “Tendo pois... tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, quanto do espírito, aperfeiçoando nossa santidade no temor de Deus” (2Co 7.1). Igualmente clara e expressiva é aquela antiga promessa: “O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares o Senhor teu Deus de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas” (Dt 30.6).

P: Mas, ocorre no Novo Testamento alguma afirmação parecida?

R: Sim, ocorre; e escrita em termos muito claros. João disse: “Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo” (1Jo 3.8); as obras do diabo, sem limitação ou restrição; sabemos que todo o pecado é obra do diabo. Semelhante a esta é a declaração de Paulo: “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela... para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5.25 e 27).

A sua declaração em Rm 8.3 e 4 trata do mesmo ponto: Deus enviou seu próprio Filho “a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.”

P: Há no Novo Testamento outras provas que nos levam a esperar a salvação de todo o pecado?

R: Sem dúvida que sim; tanto nas orações como nos mandamentos, que são equivalentes às mais enérgicas afirmações.

P: A quais orações se refere?

⁹ Quer dizer, a eles só, excluindo os outros; mas falavam-lhes juntamente com os outros, e isso quase continuamente.

¹⁰ Mas raramente, admito; porém, em alguns lugares, muito freqüente, forte e explicitamente.

R: Às orações pela inteira santificação que, se ela não existisse seriam zombaria da parte de Deus. Tais são, para ser explícito: (1) “Livra-nos do mal” (Mt 6.13). Quando isto for feito, quando formos libertados de todo o mal, não poderá existir pecado em nós. (2) “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; como és Tu, ó Pai em mim e eu em Ti... a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade.” (Jo 17.20-21 e 23). (3) Por esta causa me ponho de joelhos diante do Pai... vos conceda... estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.14-19). (4) “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5.23).

P: Que mandamentos há com o mesmo fim?

R: (1) “Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). (2) “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mt 22.37). Se o amor de Deus enche todo o coração, não pode haver pecado.

P: Mas como se prova que isto vai ser feito antes da hora da morte?

R: (1) Pela própria natureza do mandamento, que é dado aos vivos e não aos mortos: Portanto, “amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração” não pode significar que o farás quando morreres, senão enquanto viveres.

(2) Por vários textos das Escrituras: (1) “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-os para que, renegada a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, o qual deu a si mesmo por nós, a fim de remir-nos de toda a iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.11-14). (2) “E nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo... do juramento que fez ao nosso pai Abraão, de conceder-nos que, livres da mão de inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias” (Lc 1.69, 73-75).

P: Há nas Escrituras algum exemplo de pessoas que tenham alcançado este estado?

R: Sim. O apóstolo João e todos aqueles de quem ele diz: “Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que no dia do juízo mantenhamos confiança; pois segundo ele é, também nós somos neste mundo” (Jo 4.17).

P: Pode mostrar um exemplo agora? Onde está aquele que é assim perfeito?

R: Com razão se poderia responder a alguns que fazem esta pergunta: se eu conhecesse tal pessoa aqui não lho diria, porque a pergunta não é motivada pelo amor. Você é como Herodes: procura o menino para matá-lo.

Mais diretamente respondemos: há várias razões para que haja poucos exemplos, se acaso houver algum. Quantos inconvenientes isto traria à própria pessoa, posta como alvo de todos os dardos! E que pouco proveitoso seria para os antagonistas. Porque “se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 6.31).

P: Será possível que alguém sinta aversão para com aqueles que dizem que são salvos dos pecados?

R: É muito possível e por várias razões; em parte por nossa ansiedade pelo bem das almas que podem ser prejudicadas se não vivem conforme professam; também por uma certa inveja implícita contra os que dizem ter bênçãos mais ricas do que as nossas; e em parte pela nossa lentidão natural e pouca disposição de coração a crer nas obras de Deus.

P: Por que não podemos continuar no gozo da fé até sermos aperfeiçoados em amor?

R: E por que não? O sofrimento não apaga esta alegria. Mesmo estando debaixo da cruz, participando profundamente dos sofrimentos de Cristo, podemos regozijar-nos com alegria.

Destes trechos se vê claramente, não só a minha opinião e a de meu irmão, mas também o juízo de todos os pregadores em relação conosco nos anos de 1744-47. Não me recordo de ter ouvido naquelas conferências qualquer voz discordante; ao contrário, qualquer dúvida que se tinha antes de nos reunirmos, desapareceu antes de nos separarmos.

18. No ano de 1749, meu irmão publicou dois volumes de Hinos e Poemas Sagrados. Como não os vi antes de serem publicados, algumas coisas neles não tiveram a minha aprovação. Mas aceitei a maioria dos hinos sobre este tema.

Vem, Senhor, ser manifesto aqui,
E todas as obras do diabo destruir.
Agora, sem pecado, aparece em mim,
E enche-me de alegria sem fim.
Mostra tua face abençoada,
Tua presença é o dia perfeito. (Vol. I, p. 203)

Vem rápido me resgatar,
Traz o meu espírito para casa.

E conserva em perfeita paz:
Para não perambular mais,
Através de toda a grande terra,
Controla o prisioneiro do Teu amor,
Guarda-me em Deus. (P. 247)

Teus prisioneiros livra, concede-nos Tua paz,
E nossas tristezas e pecados cessarão num momento.
Que este momento seja agora, concede-nos nossa petição
Nosso Redentor e Confortador presente! (Vol. II, p. 124)

Liberta-nos deste pecado inato;
Deixa que o jugo seja quebrado agora;
Me faz Teu para sempre.

Parceiro de Tua natureza perfeita,
Deixa-me ser, agora, em Ti,
Uma nova criatura, sem pecado. (P. 156)

Transforma-me, Senhor, agora;
Submete meu espírito a Teu jugo;
Concede-me agora a pérola para achar
De uma humilde e calma mente:

Acalma, oh, acalma, o meu peito atribulado;
Deixa-me ganhar o supremo descanso;
Cessar para sempre os meus trabalhos,
Perfeito em santidade. (P. 162)

Vem nesta hora aceitável,
Traz-nos para dentro Teu Reino celestial;
Enche-nos com o poder glorioso,
Arrancando as sementes do pecado: (P. 168)

Vem, Tu Cordeiro querido, morto a favor dos pecadores,
Traz Teu sangue purificador:
Aplaca, remove toda a mancha, com Teu sangue eficaz.
Oh, deixa Teu sangue penetrar em nossa alma,
Tão profundo quanto o pecado inato;
Restaura cada espírito ferido
E limpa toda a lepra! (P. 171)

Prisioneiros da esperança, levantem,
E vejam o Seu Senhor aparecer;
Nas asas do amor Ele voa,
E próxima está a redenção:
Redenção no seu sangue,

Ele chama você para receber:
“Venham a mim, o Deus clemente e creiam,”
Ele clama, “creiam!”

Jesus, nós olhamos para Ti,
Até que sejamos salvos dos pecados que ainda restam.
Rejeita o jugo inato, tirano,
Joga fora as cadeias.
Nossa natureza não mais terá domínio sobre nós.
Pela fé nós nos apropriamos do poder
Que para sempre salvará. (P. 188)

Jesus nossa vida, em nós aparece.
Em quem diariamente morre tua morte,
Revela-te como o aperfeiçoador.
Sopra Teu Espírito rapidamente!
Revela Teu mistério oculto,
Derrama a segunda dádiva,
Revela teu glorioso ser em mim.
Meu coração espera a cada instante. (P. 195)

N’Ele nós temos paz, n’Ele nós temos paz.
Preservados por Sua graça de toda a hora de escuridão.
Em todas as nossas tentações,
Ele nos sustenta em Sua maior Salvação, a plenitude do Seu amor.
Pronuncie a alegre palavra, e lança-nos à liberdade!
Ah, não Te apressas Senhor, em abençoar-me?
Apressa-Te em dar a paz neste momento;
E abre o Teu céu, de Amor, em meu coração! (P. 324)

A segunda edição destes hinos foi publicada em 1752; não houve mudanças a não ser a correção de alguns erros na letra.

Fui extenso nestas citações porque elas demonstram, sem possibilidade de exceção, que até hoje, tanto o meu irmão quanto eu, mantemos: (1) Que a Perfeição Cristã é o amor a Deus e ao próximo, que implica libertação de todo o pecado. (2) Que é recebida simplesmente pela fé. (3) Que é dada instantaneamente. (4) Que a cada momento devemos esperá-la; que não devemos esperar até a hora da morte para obtê-la, mas que agora é o tempo aceitável, hoje é o dia da salvação.

19. Na conferência do ano de 1759, prevendo o perigo de que, sutilmente, poderia surgir entre nós uma divergência de opiniões, tornamos a considerar extensamente esta doutrina; e pouco depois publiquei “Pensamentos sobre a Perfeição Cristã,” com o seguinte prólogo:

Este folheto não visa satisfazer a curiosidade de qualquer homem; tampouco provar extensamente a doutrina, em oposição aos que a refutam e ridicularizam;

nem responder às objeções que contra ela possam levantar-se, mesmo por homens sérios. A minha intenção é simplesmente declarar quais os meus conceitos sobre o tema, o que, segundo a minha maneira de ver, a Perfeição Cristã inclui, o que exclui, e adicionar algumas observações e instruções práticas em relação a ela.

Como no princípio estes pensamentos tomaram forma de perguntas e respostas, deixei-os continuar assim. São os mesmos que tenho defendido por mais de vinte anos.

P: Que é a perfeição cristã?

R: É amar a Deus com todo o nosso coração, entendimento, alma e força. Isto implica que nada de mau gênio, nada contrário ao amor, permanece na alma; que todos os pensamentos, palavras e ações, são governados pelo puro amor.

P: Afirma o senhor que esta perfeição exclui toda fraqueza, ignorância e erro?

R: Não vejo contradição nisto. Um homem pode estar cheio de amor puro, e ao mesmo tempo sujeito a equívocos. Por certo, eu não espero estar livre de equívocos até que este corpo mortal se revista da imortalidade. Considero os enganos como consequência natural da residência da alma no corpo. Não podemos pensar agora senão por intermédio dos órgãos corporais, os quais sofreram como o resto do nosso organismo as consequências do pecado. Portanto, não podemos evitar às vezes equivocarmo-nos em nossos pensamentos, até que o corruptível seja revestido da incorruptibilidade.

Desenvolvemos mais este pensamento. Um juízo equivocado pode ocasionar uma prática errônea. Por exemplo: o erro do senhor Renty com respeito à natureza da mortificação, resultante do prejuízo de educação falsa, ocasionou a prática errada de usar uma cinta de ferro. Pode haver mil casos semelhantes mesmo em pessoas no estado mais alto da graça. Mas onde cada palavra e ação nasce do amor, tal erro não é propriamente pecado. Todavia, não pode suportar o rigor da justiça de Deus e, por isso, necessita do sangue expiatório.

P: Qual foi a opinião sobre este assunto dos nossos irmãos que se reuniram em Bristol em agosto de 1758?

R: Foi expressa nestas palavras: (1) Podemos equivocar-nos enquanto vivermos. (2) Uma opinião errada pode ocasionar uma prática errada. (3) Cada erro desta natureza é uma transgressão da lei perfeita. (4) Portanto, não fosse o sangue expiatório, esses erros nos exporiam à condenação eterna. (5) Quer dizer que os mais perfeitos têm contínua necessidade dos méritos de Cristo, mesmo para as suas transgressões atuais, e podem dizer por si mesmos, como pelos irmãos: “Perdoa-nos as nossas dívidas.”

Isto explica o que de outro modo pareceria inteiramente inexplicável, a saber: que alguns não se ofendem quando falamos do grau mais elevado do amor, mas não querem ouvir de uma vida sem pecado. A razão é esta: Eles sabem que todo o homem está sujeito a equivocar-se tanto na prática como no juízo; mas não sabem, ou não observam, que isso não é pecado se o amor é o único motivo da ação.

P: Pois bem, se vivem sem pecado não exclui isso a necessidade de um mediador? Pelo menos, não fica claramente demonstrado que não têm necessidade de Cristo como sacerdote?

R: Longe disso. Ninguém sente tanto como estes a necessidade e dependência de Cristo. Pois Cristo não dá vida à alma separada d'Ele, mas com Ele e n'Ele. Portanto, suas palavras são igualmente aplicáveis a todos os homens, em qualquer estado de graça que se encontrem: “Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo se não permanecer ligado à videira, assim nem vós o podeis dar se não permanecerdes em mim... porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.4-5).

Necessitamos de Cristo em todo o estado de graça pelas seguintes razões: (1) Qualquer graça que recebemos é um dom gratuito d'Ele. (2) Recebemo-la como uma compra Sua, simplesmente em consideração ao preço que Ele pagou. (3) Recebemos esta graça não apenas de Cristo, mas n'Ele. Porque a nossa perfeição não é como a de uma árvore, que floresce pela seiva absorvida pela sua própria raiz, porém, como dissemos antes, como a de um ramo, que unido à videira, produz frutos, mas separado dela murcha e seca. (4) Todas as nossas bênçãos, temporais, espirituais e eternas, dependem da Sua intercessão por nós, a qual é parte do seu ofício sacerdotal de que sempre temos necessidade. (5) Até os melhores cristãos necessitam continuamente da mediação sacerdotal de Cristo, para que faça expiação pelas suas omissões, suas faltas (como dizem alguns), seus erros de pensamento e prática e seus defeitos de várias espécies. Pois todos estes são desvios da lei perfeita e, conseqüentemente, necessitam da expiação. Todavia, deduzimos das palavras de Paulo que não são realmente pecados: “O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13.10). Assim, os erros e quaisquer fraquezas que necessariamente se devam ao estado corruptível do corpo, não são de modo algum contrários ao amor; e, portanto, não são pecados no sentido bíblico.

Para ser mais explícito sobre este ponto, direi: (1) Não só o pecado, propriamente (a transgressão voluntária de uma lei conhecida), mas também o pecado impropriamente chamado (a transgressão involuntária de uma lei divina, seja conhecida ou não), necessitam do sangue expiatório. (2) Creio que não há perfeição nesta vida que exclua tais transgressões involuntárias, as quais, segundo entendo, se devem naturalmente à ignorância e aos erros que não se podem separar da personalidade. (3) Portanto, a perfeição impecável é uma expressão que nunca uso, a fim de que eu não caia em contradição comigo mesmo. (4) Creio que uma pessoa cheia do amor de Deus ainda está sujeita a estas transgressões involuntárias. (5) Você pode chamar pecado a tais transgressões, se quiser; eu não as chamo assim pelas razões anteriormente citadas.

P: Que conselho daria o senhor àqueles que as classificam assim e àqueles que não as classificam?

R: Aos que não as chamam pecado, aconselho que nunca pensem que eles ou qualquer outra pessoa atingiram tal estado de perfeição, que podem permanecer diante da justiça infinita sem um mediador. Tal atitude seria evidência de profunda ignorância, ou da mais descarada presunção e arrogância.

Aos que as chamam assim, aconselho ter cuidado de não confundir estes defeitos com o que é propriamente chamado de pecado. Mas, como evitá-lo? Como poderá distinguir-se um do outro, se todos são igualmente chamados pecados? Receio que, se conhecêssemos que algum pecado fosse compatível com a perfeição cristã, poucos limitariam a idéia àqueles defeitos acerca dos quais pode ser verdadeira a afirmação.

P: Como pode uma inclinação para o erro ser compatível com o amor perfeito? Não estão as pessoas aperfeiçoadas em amor constantemente sob a influência do mesmo? Do amor puro pode proceder algum equívoco?

R: (1) Muitos erros podem ser compatíveis com o amor puro; (2) Alguns podem, acidentalmente, emanar dele: quero dizer que o próprio amor pode levar-nos a equívocos. O amor puro pelo próximo, nascido do amor de Deus, não pensa mal, tudo crê, tudo espera. Agora, esta própria disposição livre de desconfiança, pronta a crer e esperar o melhor de todos os homens, pode levar-nos a pensar que alguns são melhores do que na verdade são. Há aqui, então, um equívoco manifesto, procedendo acidentalmente do amor.

P: Como poderemos evitar situar a perfeição cristã alta em demasia ou baixa em demasia?

R: Guardando sempre em mente a posição das Escrituras, e colocando a perfeição tão alta como o faz a Bíblia. Nem é mais alta nem mais baixa do que isto: o amor puro para com Deus e o homem; o amor a Deus de todo o coração e alma, e ao próximo como a nós mesmos. É o amor governando o coração e a vida, penetrando todas as disposições, palavras e ações.

P: Admitindo que alguém tenha alcançado tal estado, o senhor lhe aconselharia a falar dele?

R: A princípio, talvez, seria difícil conter-se, o fogo arderia de tal maneira dentro dele que o impulsionaria, como uma torrente, o desejo de declarar a amorosa bondade de Deus. Porém, depois poderá conter-se e seria aconselhável não falar dela àquele que não conhece a Deus (porque, provavelmente, só o contradiriam ou blasfemariam); nem mesmo aos outros deve falar sem uma razão especial, sem um bem em vista. E então deve ter cuidado de evitar toda aparência

de ostentação, falando com profunda humildade e reverência, dando a Deus toda a glória.

P: Não seria preferível guardar completo silêncio e não falar mais dela?

R: Pelo silêncio, ele poderá evitar muitos dissabores que, natural e necessariamente, virão se ele declarar, mesmo entre os crentes, o que Deus fez em sua alma. Em conseqüência, se tal pessoa só consultasse o sangue e a carne, permaneceria em silêncio. Porém, isto não pode fazer com tranqüilidade de consciência porque, sem dúvida, deve falar. Os homens não acendem uma vela para colocá-la debaixo do alqueire; muito menos Deus onisciente. Ele não levanta tal monumento de Seu poder e amor para ocultá-lo da humanidade. Antes, é sua intenção que seja uma bênção geral para os de coração singelo. Seu propósito, pois, é não só a felicidade desse indivíduo, mas também animar e encorajar outros a procurar a mesma bênção. A Sua vontade é que muitos O vejam e se regozijem e ponham sua confiança no Senhor. Não há coisa debaixo do céu que anime mais os justificados que conversar com aqueles que têm experimentado uma salvação ainda mais alta. Isto leva a pensar na salvação completa e aumenta a sede e a fome por ela; é uma vantagem que se teria perdido de todo, se a pessoa assim salva permanecesse calada.

P: Não há maneira de evitar esses dissabores que geralmente sobrevêm àqueles que testificam ter alcançado tal salvação?

R: Parece que não se pode evitar completamente enquanto existe tanta carnalidade, até nos crentes. Mas algo poderia ser feito. Se o pregador em cada lugar: (1) falasse abertamente com os que assim procedem; e (2) procurasse evitar o tratamento injusto e indelicado dirigido àqueles em cujo favor há prova razoável.

P: Que seria essa prova razoável? Como podemos conhecer com certeza quem tenha sido salvo de todo pecado?

R: Não podemos, infalivelmente, conhecer alguém que tenha sido salvo (nem quem foi justificado), a menos que agrade a Deus dotar-nos do milagroso discernimento de espíritos. Porém, as seguintes evidências, se forem sinceramente examinadas, serão suficientes para fazer desaparecer a dúvida quanto à veracidade e profundidade da obra: (1) Se tivéssemos clara evidência de seu comportamento exemplar por algum tempo antes da suposta mudança, isto nos daria razão para crer que “não mentiria a Deus,” mas quealaria do que sente; (2) se em linguagem sólida e irrefutável desse um relato preciso do tempo e da maneira como se operou a mudança; e (3) se é evidente que todas as suas palavras e ações subseqüentes são santas e irrepreensíveis.

O resumo do assunto é: (1) tenho bastante razão para crer que esta pessoa não mente; (2) ela testifica diante de Deus: “Não sinto pecado, apenas amor; eu oro, regozijo-me e dou graças sem cessar; tenho tão íntimo e claro testemunho da

minha renovação completa, como da minha justificação.” Agora, se em nada posso opor-me a este testemunho simples e claro, tenho obrigação de crer nele.

Não importa que alguém conteste: “Sei de várias coisas em que está equivocado.” Admitamos que assim seja, pois enquanto vivermos, estamos sujeitos a equivocar-nos. Um engano de juízo pode por vezes ocasionar um erro na prática. Cuidemos, no entanto, que não haja abuso desta concessão. Por exemplo: um indivíduo que alcançou a perfeição cristã pode equivocar-se com respeito a outra pessoa, considerando-a, num determinado caso, mais ou menos culpável do que na verdade é. Por isso pode ser que lhe fale com mais ou menos dureza do que a falta merecia. Neste sentido (embora não seja este o significado primordial de Tiago), “todos ofendemos muitas vezes.” Entretanto, não prova que a pessoa que assim fala não seja perfeita no amor.

P: Não será uma prova quando a pessoa se assusta ou se desorienta com um ruído, queda ou perigo repentino?

R: Não é. Porque alguém pode sentir sobressalto, tremer, mudar de cor ou sofrer outras mudanças físicas enquanto a alma repousa calmamente em Deus, e permanece em perfeita paz. De mais a mais, a mente pode estar profundamente abatida e aflita, perplexa e oprimida por pesares ao ponto de sentir-se angustiada, enquanto o coração se apegava a Deus por meio do amor perfeito e a vontade está completamente submetida a Ele. Não foi assim com o próprio Filho de Deus? Já sofreu algum filho do homem a angústia, a dor e a agonia que Ele sofreu? Todavia, “Ele não conheceu pecado.”

P: Caberá num coração puro preferir alimento agradável ao desagradável, tratar de agradar aos sentidos com um prazer não absolutamente necessário? Se assim for, como serão estes crentes diferentes dos outros?

R: A diferença entre estes e os outros ao tomarem manjares agradáveis é: (1) não necessitam destas coisas para serem felizes, porque têm um manancial de felicidade dentro de si. Vêem e amam a Deus, por isto se regozijam sempre e em tudo dão graças. (2) Podem participar deles mas não os procuram. (3) Não usam pelo valor da coisa em si. Tendo estabelecido isto, respondemos claramente: Esta pessoa pode gozar o alimento delicioso sem o perigo que acompanha os que não são salvos do pecado. Pode preferir os agradáveis aos desagradáveis, embora igualmente saudáveis, como meio de aumentar a sua gratidão sincera a Deus, que nos “dá em abundância todas as coisas para que as desfrutemos.” Pelo mesmo princípio, pode cheirar uma flor, comer um cacho de uvas, ou sentir prazer em qualquer outra coisa, que não diminui, mas aumenta o seu prazer em Deus. Portanto, tampouco podemos dizer que uma pessoa aperfeiçoada em amor seria incapaz de contrair matrimônio ou de ocupar-se de negócios. Se fosse chamada para qualquer deles, seria mais capaz do que nunca; podendo fazer todas as coisas sem pressa ou distração de espírito, e com todo cuidado.

P: Se dois cristãos perfeitos tiverem filhos, como poderão estes ser nascidos em pecado, visto não ter havido pecado em seus pais?

R: É um caso possível, mas pouco provável. Duvido que tenha havido ou haverá tal caso. Mas pondo isto de lado, respondo: o pecado me é transmitido não por geração imediata, mas pelos primeiros pais. Em Adão todos morreram; pela desobediência de um, todos foram feitos pecadores; toda a humanidade, sem exceção, estava em Adão quando ele comeu o fruto proibido.

Temos uma ilustração maravilhosa nos jardins. Enxertos de maçãs boas num tronco de maçãs silvestres dão maçãs excelentes; mas semeai a semente dessa fruta, qual será o resultado? Produzirá maçãs puramente silvestres.

P: Que obras faz aquele que é perfeito no amor que ultrapassem as dos crentes comuns?

R: Talvez nenhuma; pois Deus pode ter estabelecido por circunstâncias externas, limites ao que é perfeito em amor. Talvez este não faça tanto como outros, ao menos exteriormente, embora deseje ardentemente ser usado por Deus. Talvez não fale tanto ou pratique tantas obras, como o próprio Senhor não falou tanto ou fez tão grandes obras como alguns dos seus apóstolos (Jo 14.12). E daí? Isso não prova carência de maior graça; e por ela Deus mede o trabalho exterior. Escutai Cristo: “Verdadeiramente vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos” (Lc 21.3). Na verdade, este homem pobre, com poucas e mal pronunciadas palavras, disse mais do que todos eles. Esta mulher pobre que deu um copo de água fria fez mais do que todos eles.

Oh, cessai de julgar “segundo as aparências” e aprendei a julgar “com justo juízo.”

P: Não é esta uma prova contra ele: “Não sinto poder nas suas palavras nem nas suas orações”?

R: Não é. Talvez a culpa seja sua. É muito possível não sentir poder nelas, se existe qualquer dos seguintes impedimentos: (1) A sua própria alma morta. Os fariseus espiritualmente mortos não sentiram poder nas palavras d’Aquele que falou como jamais alguém o fizera (Jo 7.46). (2) A culpa na consciência de algum pecado não confessado. (3) Preconceito contra a pessoa que testifica. (4) Crer que não é possível obter este estado que ele professa haver alcançado. (5) Não querer aceitar que tal pessoa o tenha obtido. (6) Superestimá-la ou idolatrá-la. (7) Ter conceito mais elevado de si mesmo e do seu juízo do que deveria ter. Se existe qualquer destes impedimentos, por que admirar-se que não sinta poder no que ele diz? Outros sentem o poder? Se a resposta for sim, o seu argumento cairá por terra. Se for não, será que no seu caminho não existem também alguns destes impedimentos? Deveis estar seguros de tudo isto antes de formar qualquer juízo. E mesmo então o vosso argumento apenas prova que a graça e os dons nem sempre vão juntos.

“Mas ele não chega ao meu ideal de cristão perfeito.” Talvez ninguém tenha chegado nem venha a chegar. Pode ser que o seu ideal se estenda para além das exigências bíblicas. Que inclua mais do que a Bíblia ensina, ou algo que a Bíblia não ensina. A perfeição da Escritura é o amor puro enchendo o coração e governando todas as palavras e ações. Se a sua idéia inclui algo mais ou algo menos do que isso, não é segundo as Escrituras e, por conseguinte, não se admirem que um cristão perfeito segundo as Escrituras não chegue à altura do vosso ideal.

Receio que muitos esbarrem nesta pedra de tropeço. Incluem tantos ingredientes como querem, não conforme as Escrituras, mas segundo a própria imaginação, do que seja um crente perfeito; prontamente negam qualquer coisa que não esteja de acordo com a idéia imaginária. Devemos, portanto, empenharmo-nos em manter sempre diante de nós o simples ensinamento bíblico. O amor puro reinando no coração e na vida é a essência da perfeição escriturística.

P: Quando pode uma pessoa saber que já obteve tal experiência?

R: Quando, depois de ter sido convencida do pecado inato, por meio de uma convicção muito mais profunda e clara que a que experimentara antes da justificação, e depois de uma mortificação gradual do pecado, experimenta uma morte total para o pecado e uma renovação no amor e na imagem de Deus, de modo que pode sempre regozijar-se, orar sem cessar e em tudo dar graças. Não é suficiente prova “sentir só amor e não pecado.” Vários experimentaram isto por algum tempo antes que fossem completamente renovados. Ninguém, portanto, crê que se acha consumada a obra do testemunho do Espírito Santo, confirmando a sua inteira santificação, de forma tão clara como a sua justificação.

P: Por que é então que alguns se consideram santificados quando na realidade não o são?

R: Isto acontece quando não se julgam por todos os sinais mencionados, senão por alguns deles, ou por outros que são ambíguos. Desconheço alguém que manifeste todos os sinais e que esteja enganado. Creio que isto não há no mundo. Se um homem depois da justificação está profunda e completamente convencido do pecado inato, e esta convicção vem acompanhada: (1) da mortificação gradual do pecado; (2) de uma inteira renovação à imagem de Deus, maior ainda que a que recebeu quando foi justificado; (3) e de um claro testemunho do Espírito Santo – considero tão impossível que tal homem esteja enganado como admitir que Deus possa mentir. E se um homem que busca a verdade testifica destas coisas, não devo sem razões justificadas, rejeitar o seu testemunho.

P: É gradual ou será instantânea a morte ao pecado e a renovação em amor?

R: Um homem pode estar moribundo durante algum tempo, porém, não está morto, propriamente falando, até o instante em que a alma se separa do corpo e nesse instante passa para a eternidade. Da mesma maneira, alguém pode estar

morrendo para o pecado durante algum tempo, porém, não está morto para o pecado até o momento em que este se separa da alma, e nesse instante passa a usufruir uma vida plena de amor. E, assim, como é diferente a mudança que se opera quando morre o corpo, assim é infinitamente mais sublime a mudança que se opera quando a alma morre para o pecado. Esta mudança não pode ser compreendida antes de ser experimentada. Não obstante essa transformação incomparável, ele continua a crescer em graça e conhecimento de Cristo, no amor e imagem de Deus; continua crescendo não só até a morte, mas por toda a eternidade.

P: Como deveremos esperar que se opere tal mudança?

R: Não em indiferença, ou atividade negligente, mas em obediência vigorosa e total, em cumprimento zeloso de todos os mandamentos, em vigilância e disciplina, negando-nos a nós mesmos, e diariamente levando a cruz; também em oração sincera e jejuns e em cumprimento atento de todas as ordenanças de Deus. Se alguém procura obtê-la de outra maneira (ou conservá-la, uma vez obtida, mesmo quando a alcançou em toda plenitude), engana a sua própria alma. É verdade que a recebemos por simples fé, mas Deus não dá, nem dará essa fé a menos que a busquemos com diligência e da maneira que Ele ordenou.

Esta exposição pode satisfazer aqueles que perguntam por que tão poucos têm recebido esta bênção. Melhor: quantos a buscam da maneira indicada, e tereis uma resposta adequada.

O segredo se encontra na falta de oração. Quem persevera em oração? Quem luta com Deus até alcançá-la? É por isso que Tiago diz: “Nada tendes porque não pedis... porque pedis mal” (Tg 4.2-3), a saber, que sejais renovados antes de morrer. No momento da morte! Isso vos satisfará? Creio que não. Pedi a Deus que sejais renovados agora, hoje, enquanto é dia. Isso não quer dizer marcar um tempo para Deus. Decerto, hoje é o tempo d’Ele e também amanhã. Apressa-te, homem, apressa-te.

P: Não podemos continuar em paz e júbilo até que sejamos aperfeiçoados em amor?

R: Claro que sim, pois o Reino de Deus não está dividido contra si mesmo; portanto, não devem os crentes desanimar ao ponto de deixarem de regozijar-se sempre no Senhor. Todavia, podemos sentir-nos entristecidos por causa da natureza pecaminosa que ainda permanece em nós. É importante termos um sentido apurado e um desejo veemente de sermos libertos dela. Isto nos deve induzir a refugiar-nos a cada momento em nosso poderoso Ajudador, a prosseguir com maior intensidade até “o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.14). E quanto mais abunda o sentido do peso do nosso pecado, mais ainda deve abundar o seu amor.

P: Pode resultar algum dano tratá-lo asperamente?

R: Estão equivocados ou não estão equivocados. Se estão, tal tratamento pode destruir as suas almas. Isto não é impossível nem improvável. Pode enfurecê-los ou desanimá-los de tal maneira que se afundem para jamais levantar. Se não estão equivocados, poderemos estar fazendo sofrer os que são de Deus e trazer prejuízo às nossas próprias almas. Porque, indubitavelmente, tocar neles, é como tocar na menina dos olhos de Deus. Se estão verdadeiramente cheios do Seu Espírito, tratá-los com indelicadeza ou com desprezo é ofender o Espírito da graça. Procedendo assim, alimentamos em nós ainda mais conjecturas erradas e mau gênio.

Que presunção é esta que nos levanta como investigadores dos demais, como juizes absolutos nas coisas profundas de Deus! Estaremos capacitados para esse encargo? Poderemos declarar em todos os casos até onde chega a fraqueza e o que pode ou não contar-se como tal? Seremos capazes de estabelecer em todas as circunstâncias o que é ou não compatível com o amor perfeito? Poderemos determinar com acerto como estas fraquezas influenciarão o olhar, os gestos e o tom de voz? Se pudermos, seremos, sem dúvida, “homens com os quais morrerá a sabedoria”!

P: Se não crermos neles os desagrada, não será isso uma prova contra eles?

R: Depende do tipo de desagrado. Se encolerizarem-se, é prova contra eles; se entristecerem-se, não é. Devem sentir-se tristes quando duvidamos de uma genuína obra de Deus, privando-nos das bênçãos que dela teríamos recebido. Muito facilmente confundimos esta tristeza com a zanga, por serem muito parecidas as expressões exteriores de ambas.

P: Não será bom desmascarar os que pensam tê-la alcançado, quando não é verdade?

R: Estará bem fazê-lo por meio de um exame compassivo. Mas não é bom orgulhar-se contra os que assim se enganam. É uma falta de caridade se, ao descobrir um caso semelhante, nos alegamos como se tivéssemos encontrado um grande tesouro. Não devemos sentir compaixão por eles, interessar-nos deveras e deixar que as lágrimas corram livremente? Porque este parecia ser um testemunho vivo do poder de Deus, salvo completamente, mas, afinal, não era como pensávamos. Foi pesado na balança e achado em falta! Será isto motivo para nos regozijarmos? Não devemos regozijar-nos mil vezes mais ao encontrar somente puro amor?

“Mas ele se enganou.” E depois? É um equívoco inofensivo enquanto ele sente em seu coração unicamente amor. Geralmente provou grande graça e um alto grau de santidade como de felicidade por algum tempo. Este deve ser motivo de gozo para aqueles que são de coração singelo; não o equívoco em si, mas o grau de graça que por um tempo o ocasionou. Regozijo-me que esta alma esteja feliz em Cristo, que sempre ore e dê graças. Alegro-me saber que ela não sente desejos impuros, mas só o amor puro de Deus. E regozijar-me-ei, se o pecado é suspenso até ser totalmente destruído.

P: Não há perigo num engano desta natureza?

R: Não, enquanto o homem não sentir pecado. Havia perigo antes e haverá ainda quando se lhe apresentarem novas provas. Mas enquanto ele sentir apenas amor impulsionando todos os seus pensamentos, palavras e ações, não está em perigo; encontra-se feliz e seguro debaixo da sombra do Todo-poderoso; por amor de Deus, deixai-o continuar neste estado enquanto possa. No entanto, fareis bem em adverti-lo contra o perigo que haverá se esfriar o amor e reviver o pecado; e se ele abandonar a esperança: visto que ainda não alcançou a bênção, jamais a alcançará.

P: Que acontece se ainda ninguém a obteve e se todos que pensam havê-la alcançado estão enganados?

R: Convençei-me disto e não o pregarei mais. Entendei-me bem: não edifico qualquer doutrina sobre esta ou aquela pessoa. Este ou aquele homem podem estar enganados, mas isto não me transtorna. Insisto: se ninguém foi aperfeiçoado ainda. Deus não me enviou a pregar a Perfeição Cristã.

Façamos uma comparação. Por muitos anos tenho pregado que há uma paz de Deus “que ultrapassa todo o entendimento.” Convençei-me que estas palavras caíram por terra, que em todos estes anos ninguém obteve esta paz, que não há hoje uma só testemunha viva dela e eu não pregarei mais.

“Mas senhor Wesley, não é esta a questão. Admitimos que várias pessoas morreram com esta paz.”

Está bem, mas trata-se de testemunhas vivas. E não pretendo assegurar de maneira infalível que esta ou aquela pessoa sejam testemunhas dessa paz; mas se eu estivesse seguro que não existem testemunhas, teria já deixado de pregar esta doutrina.

“Entende-me mal, senhor Wesley. Creio que alguns que morreram neste amor desfrutavam-no por muito tempo antes de morrer. Mas eu não estava seguro da realidade do seu testemunho até algumas horas antes da sua morte.”

A isto respondo: Então, o senhor não tinha uma certeza infalível, embora devesse ter uma razoável certeza; assim, poderia tal certeza avivar e confortar sua alma e responder a todos os outros propósitos cristãos. Semelhante certeza pode ter qualquer pessoa sincera, ao falar durante uma hora no amor e temor de Deus, com alguém que seja testemunha viva deste estado bendito.

P: Que importa que alguns o tenham obtido ou não, quando tantas passagens bíblicas dão testemunho dele?

R: Se eu estivesse convencido de que ninguém na Inglaterra tivesse alcançado o que tão clara e fortemente tem sido pregado, por bom número de pregadores em tantos lugares e por tanto tempo, seria motivo para crer que todos

havíamos interpretado mal o sentido das Escrituras; e, era vista disto, daqui em diante, eu também teria que ensinar que “o pecado permanece até a morte.”

20. No ano de 1762 houve um grande crescimento na obra de Deus em Londres. Muitos que até então não se haviam preocupado com estas coisas foram profundamente convencidos do seu estado de pecado; encontraram a redenção no sangue de Cristo; um número considerável voltou ao bom caminho e testemunhou que Deus os havia salvo de todo o pecado. Prevendo facilmente que Satanás procuraria semear joio entre o trigo, esforcei-me em admoestá-los do perigo com respeito ao orgulho e ao entusiasmo. Enquanto eu permaneci na cidade tive razões para crer que continuavam humildes e sóbrios. Mas logo que me ausentei, estalou o entusiasmo. Dois ou três começaram a espalhar suas próprias imaginações como revelações vindas de Deus, e daí supuseram que jamais morreriam; estes, lutando para que outros fossem da mesma opinião, provocaram muito barulho e confusão. Pouco depois, estas mesmas pessoas com algumas mais, cometeram outras extravagâncias; criam-se imunes à tentação e à dor; e que possuíam o dom da profecia e de discernir espíritos. Quando voltei a Londres, no outono, alguns aceitaram a minha repreensão, mas outros tinham ultrapassado o terreno da instrução. De todos os lados veio sobre mim uma chuva de censura; dos mesmos, porque os repreendia em toda a ocasião; e dos outros, porque eu não os repreendia. Porém, a mão do Senhor não se deteve, pois mais e mais pecadores foram convencidos e havia conversões a Deus quase diárias e outros foram capacitados a amar a Deus com todo o coração.

21. Nesta época, um amigo que morava a certa distância de Londres, me escreveu assim:

“Não fique alarmado que Satanás semeie joio entre o trigo de Jesus Cristo. Sempre foi assim, especialmente numa ocasião de notável derramamento do Espírito; e continuará sendo assim até que Satanás seja acorrentado por mil anos. Até então ele arremedará e se esforçará por contrariar a obra do Espírito de Cristo. Um dos resultados tristes disso é que o mundo que está sempre dormindo nos braços do maligno, tem ridicularizado toda a obra do Espírito Santo.

Mas, que podem fazer os verdadeiros crentes? Respondo, se desejam conduzir-se bem, devem: (1) Orar para que toda a alma enganada seja liberta; (2) esforçar-se por resgatá-la em espírito de mansidão; (3) ter o maior cuidado, tanto por meio da oração como da vigilância, para que o engano de outros não diminua o seu zelo de buscar a santidade completa da alma, corpo e espírito “sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Na verdade, esta nova criatura parece louca para um mundo louco. Mas é, no entanto, a vontade e a sabedoria de Deus. Que todos busquemos esta transformação!

Mas alguns que aceitam esta doutrina em toda a sua extensão são muitas vezes culpados de limitar o Todo-poderoso. Ele reparte os seus dons como Lhe

apraz; portanto, não é prudente nem honesto afirmar que uma pessoa deve ser crente muito tempo antes de sentir-se capaz de receber um grau elevado do Espírito de santidade.

O método usual de Deus é uma coisa, o seu soberano prazer é outra. Ele tem sábias razões tanto para apressar a Sua obra como para retardá-la. Às vezes, vem súbita e inesperadamente; outras vezes, só depois de havê-la esperado por longo tempo.

Tem sido minha opinião durante anos, que as principais razões pelas quais os homens crescem tão pouco na vida de santidade, são a frieza, negligência e incredulidade. Note-se que falo dos crentes.

Que o Espírito de Cristo nos dê justo juízo em todas as coisas e nos encha de “toda a plenitude de Deus” (Ef 3.19), para que assim sejamos “perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1.14).

22. Nessa ocasião levantaram-se uns cinco ou seis entusiastas bem intencionados e profetizaram que o mundo acabaria em 28 de fevereiro do mesmo ano. Imediatamente resisti por todos os meios possíveis, tanto pública como privadamente. Preguei expressamente sobre este ponto em West Street e em Spitalfields. Admoestei a sociedade de crentes vez após vez, e falei a quantos pude; tive a satisfação de ver o fruto do meu trabalho. Estes ganharam poucos seguidores; cerca de trinta em toda a sociedade. Contudo, fizeram muito barulho e deram grandes motivos de ofensa aos que tinham especial cuidado em aproveitar toda a ocasião contra mim. Aumentou grandemente o número e a coragem dos que se opunham à doutrina da Perfeição Cristã.

23. Algumas perguntas publicadas por um destes levou um homem simples a escrever o seguinte:

Questionário proposto humildemente aos que negam que a Perfeição Cristã pode ser obtida nesta vida.

(1) Não é verdade que tem sido dado mais universalmente o Espírito Santo sob o Evangelho do que sobre a dispensação judaica? Se não, como interpretar as palavras que encontramos em João 7.39 – “Pois o Espírito até esse momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”?

(2) Foi a glória que seguiu os sofrimentos de Cristo (1Pe 1.11) uma glória externa ou interna, a saber, a glória da santidade?

(3) Deus exige dos seus filhos em qualquer parte das Escrituras algo superior à graça que Ele mesmo lhes prometeu?

(4) Terão as promessas de Deus, com respeito à santidade, seu cumprimento nesta vida ou apenas na outra?

(5) O cristão está sujeito a quaisquer outras leis além daquelas que Deus prometeu escrever em seus corações? (Jr 31.31; Hb 8.10).

(6) Em que sentido é cumprido “o preceito da lei... em nós que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”? (Rm 8.4).

(7) É impossível que alguém nesta vida ame “a Deus de todo coração, entendimento, alma e forças”? E está o cristão sujeito a alguma outra lei que não seja cumprida neste amor?

(8) A separação da alma do corpo efetua a purificação do pecado inato?

(9) Sendo assim, não é outra coisa, alheia ao sangue de Cristo, que nos limpa de todo o pecado?

(10) Se o seu sangue nos limpa de todo o pecado, enquanto a alma e o corpo estão unidos, não é nesta vida?

(11) Se é operada quando esta união já não existe, não é verdade que será na outra vida? E não será então demasiado tarde?

(12) Se é no momento de expirar, em que estado estaria a alma se não se encontra nem dentro do corpo nem fora dele?

(13) Cristo nos ensinou que devemos orar: “Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”? (Mt 6.10). E não se faz a Sua vontade perfeitamente no céu?

(14) Cristo nos ensinou que devemos orar por aquilo que Ele não mencionou que daria?

(15) Sendo assim, não nos ensinou a orar pela perfeição na terra? Não terá Ele, pois, o propósito de no-la dar?

(16) Não orou Paulo conforme a vontade de Deus, quando pediu que os tessalonicenses fossem santificados em tudo e que seu “espírito, alma e corpo sejam conservados” (neste mundo, não no outro, a menos que estivesse orando pelos mortos) “íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”? (1Ts 5.23).

(17) Você deseja sinceramente ser livre do pecado inato nesta vida?

(18) Se você tem este desejo, não terá sido dado por Deus?

(19) Se Deus lho deu não foi para zombar de vós, já que é impossível tal libertação?

(20) Se você não é bastante sincero para desejá-la, então não está disputando coisas fora do seu alcance?

(21) Acaso ora a Deus para que limpe os pensamentos do seu coração para que possa amá-lo com amor perfeito?

(22) Se você não deseja o que pede nem crê que é acessível, não está orando como ora um néscio?

Que Deus lhe ajude a considerar estas perguntas calma e imparcialmente!

24. No fim deste ano, Deus chamou para Si alguém que era uma luz brilhante e ardente chamada Jane Cooper. Ela foi uma fiel testemunha da perfeição cristã, tanto em vida como em morte, e não é demais dar aqui um relato da sua morte e mencionar uma carta dela, que contém um relato simples e sincero da maneira como agradou a Deus operar esta grande mudança em sua alma:

2 de maio de 1761.

“Creio que, enquanto durar a minha memória, continuará em mim a gratidão. Desde que o senhor pregou sobre Gl 5.5, vi claramente o estado da minha alma. Aquele sermão descreveu o meu coração e o que ele ansiava, a saber, a verdadeira felicidade. O senhor leu a carta do senhor M. e ela me revelou a religião que minha alma desejava. Desde então a perfeição cristã apareceu-me à vista e pude persegui-la com verdadeiro empenho. Permaneci velando e orando, às vezes muito apreensiva, outras em paciente expectativa da desejada bênção. Vários dias antes da sua partida para Londres, minha alma descansava sobre uma promessa que me foi dada enquanto orava:

“De repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais” (Mt 3.1). Cri que o faria, que ali residiria como um fogo purificador. Na terça-feira, depois que o senhor saiu de Londres, pensei que seria impossível para mim adormecer, a menos que Ele cumprisse a Sua palavra essa noite. Não conhecia, até então, a força destas palavras: “Aquietai-vos e sabeis que eu Sou Deus” (Sl 46.10). Tornei-me como nada diante d’Ele, e desfrutei de perfeita calma na minha alma. Não sabia se ele havia destruído o meu pecado ou não, mas desejava sabê-lo para louvá-lo. Porém, compreendi que a dúvida voltava de novo e gemi debaixo do seu peso. Na quarta-feira fui a Londres, e busquei ao Senhor sem cessar. Prometi-lhe que se me salvasse do pecado, eu o louvaria. Poderia abandonar todas as coisas para ganhar a Cristo. Mas descobri que todos estes argumentos nada valiam; se Ele me salvasse, devia ser por graça, por amor do seu nome. Na quinta-feira tive a tentação de suicidar-me, ou de nunca mais conversar com os crentes em Deus. Contudo, não tinha dúvida do seu amor perdoador; mas,

Era pior que a morte a meu Deus amar,
E não amar apenas a meu Deus.

Na sexta-feira a minha angústia tornou-se ainda mais profunda. Procurei orar e não consegui. Fui ter com o senhor D., que orou por mim, e me disse que era a morte do velho homem. Abri a Bíblia e apresentou-se a mim este texto: “Quanto aos covardes, aos incrédulos... a parte que lhes cabe será no lago que arde como fogo e enxofre” (Ap 21.8). Não pude agüentar. Li outro texto (Mc 16.6-7): “Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, ide, dizei a seus discípulos que Ele vai adiante de vós para a Galiléia, lá o vereis.” Recebi ânimo e ajuda para orar, crendo que veria a Jesus ao regressar ao meu lar. Ao voltar essa noite encontrei a senhora G. Ela orou por mim; e sua súplica foi apenas: “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10.34). E Deus confirmou que era assim abençoando-me. Naquele momento agarrei-me a Jesus e encontrei a salvação por meio de uma fé simples. Ele assegurou-me o Senhor, o Rei que estava comigo, e que eu não veria mais o mal. Então louvei Aquele que me havia visitado e redimido e seria “minha sabedoria, justiça, santificação e redenção” (1Co 1.30). Vi Jesus em toda a sua formosura e soube que Ele era meu sacerdote em todos os serviços. E, glória a Ele, pois agora reina sem rival em meu coração. Não tenho outra vontade além da sua. Não sinto orgulho, nem desejo outra coisa que não seja Ele. Sei que pela fé permaneço firme e que velar e orar são os guardiães da fé. Estou feliz em Deus neste momento, e tenho fé, para os instantes futuros. Tenho lido com freqüência o capítulo que o senhor menciona (1Co 13); tenho comparado meu coração e vida com ele. Fazendo-o, vejo e sinto os meus defeitos e a necessidade que tenho de sangue expiatório. Todavia, não me atrevo a dizer que não sinto uma medida do amor ali descrito, embora eu não seja como devo ser. Desejo perder-me nesse “amor que ultrapassa todo o entendimento.” Sei que “o justo viverá pela fé” e “a mim, o menor de todos os santos, me foi dada a graça.” Se fosse um arcanjo, cobriria o meu rosto na sua presença e deixaria que o silêncio O louvasse!

O seguinte testemunho foi dado por alguém que foi testemunha ocular daquilo que ela disse:

(1) Nos princípios de novembro, parece que Jane Cooper previu o que lhe sobreviria e cantava com freqüência:

Quando a dor sobre esta débil carne prevalecer,
De paciência e mansidão o meu peito vem encher.

E quando mandou-me dizer que estava doente, escreveu no seu bilhete: “Sofro a vontade de Jesus; tudo que ele me envia é suavizado pelo seu amor. Estou tão feliz como se ouvisse uma voz dizer:

Por mim, meus irmãos maiores aguardam,
Os anjos me dão sinal de partida
E Jesus me diz: Vem!”

(2) Ao dizer-lhe: “Não posso escolher nem vida nem morte para você,” respondeu: “Pedi ao Senhor que, se fosse da sua vontade, morreria eu primeiro. E Ele me disse que você sobreviverá e cerrará meus olhos.” Quando descobrimos que

era varíola, disse-lhe: “Querida irmã, não se assustará se eu lhe disser qual o seu mal”? Sua resposta foi: “A Sua vontade não me pode assustar.”

(3) O mal agravou-se rapidamente; quanto mais se agravava, mais se fortalecia a sua fé. Na terça-feira 16 de novembro, ela disse: “Tenho estado a adorar diante do trono de uma maneira gloriosa. Minha alma está envolvida em Deus!” Perguntei-lhe: “O Senhor deu-lhe alguma promessa especial?” “Não,” respondeu ela. “Tudo se reduz a:

Aquele reverente temor que não se atreve a mover-se
E todo o silencioso céu de amor.”

(4) Na quinta-feira ao perguntar-lhe se tinha algo a dizer, respondeu: “Nada que já não saiba: Deus é amor.” Ao perguntar se tinha alguma promessa especial, replicou: “Não creio que deseje uma; posso viver sem ela. Morrerei como massa disforme, mas quando vos encontrar serei gloriosa; entretanto, continuarei tendo comunhão com o vosso espírito.”

(5) O senhor M. perguntou-lhe qual o caminho mais excelente, conforme ela cria, e quais eram os seus principais impedimentos. Sua resposta foi: “O obstáculo ou impedimento maior vem, geralmente, da constituição da própria pessoa. O meu feitio era ser reservada, taciturna, sofrer muito e falar pouco. Alguns podem pensar que um caminho é mais excelente, e outros, outro. Mas o mais importante de tudo é viver na vontade de Deus. Durante os meses passados, quando estive particularmente voltada a essa vontade, sentia tal direção do Seu Espírito, e a unção que recebi dele me mostrou todas as coisas e não necessitei que qualquer homem me ensinasse.”

(6) Na sexta-feira de manhã disse: “Creio que vou morrer.” Sentada na cama pronunciou estas palavras: “Senhor, Te bendigo porque estás sempre comigo e tudo quanto tens é meu. O Teu amor é mais poderoso que a minha impotência, mais forte que a minha debilidade, maior que a minha indignidade. Senhor, Tu dizes a esta ruína: ‘És minha irmã.’ E glória a Ti, ó bom Jesus, porque é meu irmão. Deixa-me compreender, juntamente com todos os santos, qual seja o comprimento, a largura, a profundidade e altura do teu amor! Bendize a estes (alguns que estavam presentes) e faze que se exercitem cada momento em todas as coisas que sejam do Teu agrado.”

(7) Horas depois, apoderou-se dela a agonia da morte; mas o seu rosto estava iluminado com um sorriso triunfante e ela batia palmas alegremente. Disse-lhe a senhora D.: “Querida, és mais que vencedora pelo sangue do Cordeiro.” Como resposta disse: “Sim, oh, sim, doce Jesus! Oh morte onde está o teu aguilhão?” Ficou então meio adormecida por algum tempo; depois, ao tentar falar, não pôde; todavia, deu testemunho do seu amor apertando a mão de todos que estavam no quarto.

(8) Chegou, então, o senhor Wesley. Ela disse: “Senhor, não sabia que tornaria a vê-lo. Mas alegro-me porque o Senhor me dá esta oportunidade, e também forças para lhe falar. Eu o amo. O senhor pregou sempre a mais exigente doutrina e eu gostei de segui-la. Continue a fazê-lo, senhor Wesley, sem olhar a quem agrade ou desagrade.” Ele fez a ela a seguinte pergunta: “Crê neste momento que é salva do pecado?” “Sim, há meses que não tenho dúvida disso. O ter duvidado em outro tempo era devido a não permanecer na fé. Agora sinto que tenho guardado a fé; e o amor perfeito lança fora o temor. Quanto ao senhor, senhor Wesley, Deus me revelou que os seus trabalhos futuros excederão os primeiros, embora eu não vá vê-los. Fui uma grande entusiasta, para usar a terminologia de muitos, nestes últimos seis meses; nunca antes havia vivido tão perto do coração de Cristo. O senhor deve continuar consolando os corações de centenas seguindo aquela simplicidade que a sua alma ama.”

(9) A quem recebeu o amor de Deus por causa das suas orações? Ela disse: “Sei que não tenho seguido uma fábula astutamente arranjada; porque estou tão feliz quanto possa estar. Prossiga e não pare antes de atingir a meta.” As suas palavras para a jovem M. foram: “Ama a Cristo, pois Ele te ama. Creio que te verei à destra de Deus. Mas como uma estrela difere de outra em glória, assim será na ressurreição! Por isso conjuro-te na presença de Deus que me encontres naquele dia cheia de glória. Evita toda a conformidade com o mundo. Estás privada de muitos privilégios. Eu sei que serei encontrada sem culpa. Esforça-te para ser achada por Ele em paz, sem mancha.”

(10) Sua oração no sábado de manhã foi mais ou menos como segue: “Sei, Senhor, que a minha vida se prolonga só para fazer a tua vontade. E mesmo que não coma ou beba mais (já fazia 28 horas que não tomava nada). Seja feita a Tua vontade. Estou disposta a permanecer assim 12 meses: ‘Não só de pão viverá o homem.’ Louvo-Te porque não há sombra de queixa em nós. Neste sentido não sabemos o que significam enfermidades. Verdadeiramente, Senhor, ‘nem a vida, nem a morte, nem o presente, nem o porvir, nem nenhuma criatura poderá nos separar do Teu amor,’ por um momento sequer. Abençoa a estes para que não haja falta em suas almas. Creio que não haverá, oro com fé.”

Apesar do seu estado delirante, no domingo e na segunda-feira, teve estados de lucidez, nos quais se compreendia que seu coração estava ainda no céu. Quando um dos presentes disse-lhe: “Jesus é a nossa meta,” ela respondeu: “Tenho um só alvo, sou toda espiritual.” Disse-lhe a jovem M. “A senhora mora em Deus,” ao que ela replicou com a palavra “completamente.” Alguém lhe perguntou: “Ama-me?” Ela respondeu: “Oh, eu amo a Cristo; amo a meu Senhor.” A outro ela disse: “Não estarei aqui por muito tempo; Jesus é precioso, muito precioso na verdade.” Falando novamente com a jovem M. disse-lhe: “O Senhor é muito bom; Ele preserva a minha alma acima de tudo.” Por quinze horas antes da morte sofreu horrivelmente de fortes convulsões. Uma das testemunhas do seu terrível sofrimento disse: “Você é aperfeiçoada por meio dos sofrimentos,” ao que ela respondeu: “Mais e mais.” Depois de permanecer calma algum tempo, disse: “Senhor, Tu és forte.” A seguir, depois de uma longa pausa, pronunciou as últimas

palavras: “Jesus é tudo para mim; glória a Ele por toda a eternidade.” Depois de meia hora de completa tranquilidade, expirou sem suspiro nem gemido.

25. No ano seguinte (1768), como aumentava o número dos que acreditavam-se salvos do pecado, julguei necessário publicar, principalmente para seu uso, “Outros Pensamentos acerca da Perfeição Cristã,” os quais incluo aqui.

1. P: Como é Cristo “o fim da lei para justiça de todo aquele que crê”? (Rm 10.14).

R: Para entendê-lo há que saber de que lei se trata, a qual creio ser: (1) A lei mosaica, toda a dispensação mosaica, de que Paulo continuamente fala, como se fosse uma, embora contenha três partes: a política, a moral e a cerimonial. (2) A lei adâmica, dada a Adão na sua inocência, e propriamente chamada a “lei das obras.” Esta é, em substância, igual à angélica, sendo comum aos anjos e aos homens. Esta lei requeria que o homem usasse para a glória de Deus todos os poderes com que foi criado. Sabemos que foi criado sem defeito nas suas compreensões e afeições. Por conseguinte, o seu corpo não era um obstáculo à sua mente; não lhe impedia de compreender claramente as coisas, julgando-as fielmente e com justiça, caso tenha raciocinado. Digo “caso tenha raciocinado,” porque possivelmente não o fez. Talvez não tivesse necessidade de raciocinar, até que o corpo corruptível tenha oprimido a mente e danificado as suas faculdades naturais. Pode ser até que então a mente visse tão claramente as verdades que se lhe apresentaram como hoje o olho vê a luz.

Em conseqüência, esta lei, proporcionada às suas faculdades originais, requeria que o homem pensasse, falasse e procedesse sempre com justa precisão em todos os pontos. Ele estava bem preparado para fazê-lo; Deus, portanto, teria de exigir o serviço que estava ao alcance do homem.

Mas Adão caiu, e o seu corpo incorruptível tornou-se corruptível; desde então, este tem sido um obstáculo para a sua alma e impede as suas atividades espirituais e físicas. Portanto, agora nenhum ser humano pode sempre compreender claramente, ou julgar com verdadeiro juízo. Onde o juízo e a compreensão forem defeituosos, será impossível raciocinar justamente. Por isso, é tão natural ao homem equivocar-se como respirar, sendo tão impossível viver sem um como sem o outro. Assim, ninguém pode cumprir as exigências requeridas pela lei adâmica.

Nenhum homem está obrigado a cumpri-la, porque Deus não o requer; Cristo é o fim da lei tanto adâmica como mosaica. Pela sua morte pôs fim a ambas; Ele aboliu uma e outra, com respeito ao homem, e deixou de existir a obrigação de observar tanto uma quanto a outra. Ainda mais: nenhum homem está obrigado a observar a lei adâmica, mais do que a mosaica. (Quero dizer que a sua observância não é uma condição exigida para a salvação presente ou futura).

Em lugar destas, Cristo estabeleceu outra, a saber, a lei da fé. Agora não é aquele que faz as obras, mas aquele que crê que recebe a justiça, no sentido completo da palavra; isto é, justificado, santificado e glorificado.

2. P: “Estamos mortos em relação à lei?”

R: Estamos mortos “relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo” dado por nós, Rm 7.4; tanto a lei adâmica quanto a mosaica. Estamos completamente livres delas por Sua morte, havendo expirado com ele a lei.

3. P: “Como é então que diz em 1Co 9.21, que não estamos ‘sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo’?”

R: Estamos sem essa lei, mas isto não indica que estamos sem qualquer lei, porque Deus estabeleceu outra lei em seu lugar, a lei da fé; e todos estamos debaixo desta lei para com Deus e com Cristo. Tanto o nosso Criador, como o nosso Redentor exigem que a observemos.

4. P: “É o amor o cumprimento desta lei?”

R: Indubitavelmente que sim. Toda a lei, sob a qual agora estamos, se cumpre no amor (Rm 13.9-10). A fé que faz obras impulsionada pelo amor é tudo quanto Deus exige do homem, pois ele substituiu (não a sinceridade, mas) com o amor a perfeição angélica.

5. P: “Por que é o amor ‘o intuito da presente admoestação’? (1Tm 1.5).”

R: Porque é o fim de cada mandamento de Deus. É o centro para o qual se dirige toda e cada parte da instituição cristã. Seu fundamento é a fé, purificando o coração; seu fim é o amor, preservando uma boa consciência.

6. P: “Que amor é este?”

R: É amar o Senhor nosso Deus de todo coração, mente, alma e força e amar ao próximo como a nós mesmos, como a nossa própria alma.

7. P: “Quais são os frutos ou propriedades deste amor?”

R: Paulo no-los mostra claramente em 1Co 13. O amor é “sofredor.” Sofre todas as debilidades dos filhos de Deus, todas as maldades dos filhos do mundo; e não por pouco tempo somente, mas enquanto aprouver a Deus. Em tudo vê a mão de Deus e, voluntariamente, se submete a ela. É ao mesmo tempo “benigno.” No meio de tudo e apesar de tudo que sofre é manso, meigo e terno. O amor “não arde em ciúmes,” exclui do coração toda a espécie e grau de ciúme; o amor nada faz indevido, nem com violência, nem com dureza, nem julga severa ou imprudentemente, “não se conduz inconvenientemente;” não é descortez, “não se ensoberbece;” “não procura os seus interesses” – quer dizer, no prazer, na honra,

comodidade ou ganância: “não se exaspera;” expulsa do coração toda a ira: “não se ressentido do mal;” expulsa todo o ciúme, suspeitas e inclinação para o mal; “não se alegra com a injustiça; chora pelo pecado ou imprudência de seus maiores inimigos: mas “regozija-se com a verdade,” na santidade e felicidade que cada pessoa possa desfrutar. O amor “tudo sofre,” não fala mal de ninguém; “tudo crê,” tudo que tende a elevar o caráter de outrem. “Tudo espera,” quanto possa atenuar as falhas que não podem negar; “tudo suporta,” tudo que Deus permite, ou tudo que os homens ou o diabo afligem. Esta é “a lei de Cristo, a lei perfeita, a lei da liberdade.”

A distinção entre a “lei da fé” (o amor) e a “lei das obras,” não é sutil nem inútil. É simples, fácil e inteligível para qualquer pessoa de compreensão normal. É absolutamente necessária para evitar mil dúvidas e temores, mesmo para aqueles que andam em amor.

8. P: “Mas não é verdade que ‘todos ofendemos muitas vezes,’ e o melhor de nós viola esta lei?”

R: Em certo sentido não, enquanto nosso gênio, pensamentos, palavras e obras emanam do amor. Mas noutro, fazemo-lo em maior ou menor escala, enquanto vivermos neste corpo. Porque nem o amor, nem a unção do Espírito Santo nos tornam infalíveis. Portanto, devido a inevitáveis deficiências do nosso entendimento, não podemos deixar de errar algumas vezes. E estes erros freqüentemente, ocasionarão males, tanto em nosso gênio, como em nossas palavras e ações. Por estarmos mal informados a respeito de uma pessoa, podemos amá-la menos do que ela realmente merece. E por causa deste mesmo equívoco, somos inevitavelmente induzidos a falar ou a proceder com essa pessoa de maneira contrária à lei.

9. P: “Não será, então, que precisamos de Cristo, mesmo em tal circunstância?”

R: O mais santo dos homens ainda precisa de Cristo como seu Profeta, “a luz do mundo.” Porque Ele não lhe dá luz senão de momento a momento; no instante em que Ele se retire, tudo se torna trevas. Eles necessitam ainda de Cristo como seu Rei, pois Deus lhes dá reservas de santidade. Mas, se não recebem uma provisão de santidade em cada instante ficará apenas impureza. Mais ainda, necessitam de Cristo como Sacerdote para fazer expiação pelas suas coisas. Mesmo a santidade perfeita só é aceitável a Deus por intermédio de Jesus Cristo.

10. P: “Não pode, então, o melhor dos homens adotar a confissão do mártir moribundo, que disse: ‘Em mim mesmo não sou outra coisa senão pecado, trevas e inferno; mas Tu és a minha luz, a minha santidade e o meu céu.’”

R: Não exatamente. Mas o melhor dos homens pode dizer: “Tu és a minha luz, minha santidade, meu céu. Pela união contigo, estou cheio de luz, santidade e

felicidade. Mas se fosse abandonado a mim próprio, nada seria senão pecado, trevas e inferno.”

Mais ainda, o melhor dos homens necessita de Cristo como Sacerdote, Redentor e Advogado diante do Pai; não só porque a continuação das bênçãos depende da sua morte e intercessão, mas também por causa da impotência humana em cumprir os requisitos do amor. Todo homem é impotente para cumpri-los. Você deve pesar-se nesta balança e ver se não está em falta em muitos pormenores.

11. P: “Mas se tudo é compatível com a perfeição cristã, logo essa perfeição não é liberdade total de pecado, sendo que, o pecado é a transgressão de uma lei e os perfeitos em amor violam a lei sob a qual estão. Ainda mais, precisam da expiação de Cristo; e Ele apenas expia o pecado. É correto, então, usar-se o termo ‘perfeição sem pecado?’”

R: Não vale a pena discutir. Mas observai em que sentido as pessoas em questão necessitam de expiação em Cristo. Não precisam que Ele as reconcilie de novo com o Pai, pois já estão reconciliadas. Não precisam d’Ele para restaurar o favor divino, mas apenas para continuá-lo. Cristo não procura de novo o perdão para elas, mas vive sempre intercedendo por elas. E “com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.” (Hb 10.14).

Por não considerarem devidamente isto, alguns negam necessitar da expiação de Cristo. São poucos, na verdade, não me recordo de ter encontrado cinco na Inglaterra. Se me forem dadas duas opções, eu preferiria deixar a perfeição cristã à expiação de Cristo; mas não temos que deixar nem uma nem outra. A perfeição que sustento – o amor que se regozija sempre, a oração sem cessar e dar graças em tudo – é compatível com a outra. Se alguém conserva uma perfeição que não chega a este ideal, deve examiná-la.

12. P: “A Perfeição Cristã significa, então, algo mais do que sinceridade?”

R: Não, se com o termo sinceridade quereis dizer o amor inundando o coração, expulsando o orgulho, a ira, o mau desejo e a obstinação; estar sempre regozijando-se, orando sem cessar, em tudo dando graças. Mas duvido que muitos usem o termo “sinceridade” neste sentido. Portanto, creio que o termo antigo é melhor.

Uma pessoa pode ser sincera conservando ainda seu caráter natural, orgulho, ira, concupiscência e obstinação. Mas não é perfeita até que o seu coração esteja limpo de todas estas e outras corrupções.

Para esclarecer mais este ponto, direi: Conheço muitos que amam a Deus de todo o coração. Ele é o seu único desejo, seu único prazer, e eles encontram-se felizes n’Ele. Amam o próximo como a si mesmos. Sentem um desejo sincero, constante, fervoroso pela felicidade dos homens, bons ou maus, amigos ou inimigos, como se fosse sua própria. Estão sempre alegres, oram sem cessar, em

tudo dão graças. Suas almas estão constantemente elevando-se até Deus em santo gozo, oração e louvor. Este é um fato, porque é uma experiência clara, sólida e bíblica.

Mas estas almas moram num corpo quebrantado, e estão às vezes tão oprimidos que não podem exercitar-se como desejam, quanto a pensar, falar, proceder com justa precisão. Por falta de melhores faculdades, às vezes, pensam, falam ou procedem mal; não por falta de amor mas por carência de sabedoria. E quando este é o caso, apesar de deficiência e suas conseqüências, cumprem a lei do amor.

Todavia, como não há conformidade com a lei perfeita, mesmo neste caso, os mais perfeitos, pela mesma razão, necessitam do sangue expiatório e podem dizer, tanto a favor dos irmãos como de si mesmos: “Perdoa-nos as nossas dívidas.”

13. P: “Mas Cristo pôs fim à lei, que necessidade terão eles de expiação pela sua transgressão?”

R: Observai em que sentido Cristo pôs fim a ela e desaparecerá a dificuldade. Não fosse o mérito permanente de Sua morte e a Sua contínua intercessão por nós, essa lei ainda nos condenaria. Portanto, precisamos da expiação para a transgressão.

14. P: “Pode ser tentado alguém que já é salvo do pecado?”

R: Sim. Cristo foi tentado mas não pecou.

15. P: “O que o senhor chama tentação, eu chamo corrupção do coração. Como é que o senhor distingue uma da outra?”

R: Em alguns casos é impossível distingui-la sem a intervenção direta do Espírito. Mas, geralmente, podemos distingui-las desta maneira:

Alguém me elogia. Assim se me apresenta a tentação do orgulho. Mas imediatamente, a minha alma se humilha diante de Deus e não sinto orgulho. Estou tão seguro disto como estou seguro de que o orgulho não é humildade.

Um homem esbofeteia-me. Surge a tentação de me zangar, mas o meu coração transborda de amor. Não sinto cólera. Estou tão seguro disto quanto de que o amor e a ira não são iguais. Uma mulher solicita-me. Aqui, a tentação para a sensualidade. Estou tão certo disto quanto de que minha mão está fria ou quente.

Assim sucede se alguém é tentado por um objeto presente ou quando este está ausente; o diabo traz-nos à mente um elogio, uma injúria ou uma mulher. No mesmo instante a alma repele a tentação e permanece cheia de amor puro.

E a diferença é ainda mais patente quando comparo o meu presente estado com o passado, no qual sentia a tentação e a corrupção.

16. P: “Como uma pessoa chega a saber que está santificada, salva de toda a corrupção inata?”

R: Não se pode saber por outro modo senão o mesmo pelo qual sabemos que somos justificados. “... e nisto conhecemos que ele permanece em nós pelo Espírito que nos deu” (Jo 3.24).

Sabemo-lo pelo testemunho e os frutos do Espírito. Primeiro, pelo testemunho. Como quando fomos justificados, o Espírito deu testemunho ao nosso espírito de que nossos pecados foram perdoados; assim quando fomos santificados Ele deu testemunho de que foram tirados. O testemunho da santificação nem sempre é claro a princípio (como também o da justificação); às vezes é mais forte, outras vezes mais fraco. Chega até a ser sufocado. Todavia, o testemunho do Espírito de que somos santificados é, geralmente, tão claro e firme como o testemunho da justificação.

17. P: “Que necessidade há dele, posto que a santificação é uma mudança real, e não relativa, como a justificação?”

R. “O novo nascimento é só uma mudança relativa? Não é uma mudança real?” Portanto, se não necessitamos do testemunho quanto à nossa santificação, visto ser uma mudança verdadeira, pela mesma razão não deveríamos necessitar dele, em relação a sabermos que fomos nascidos de Deus ou que somos Filhos de Deus.

18. P: “Não brilha a santificação à sua própria luz?”

R: E não tem luz também o novo nascimento? Às vezes sim, e semelhante à santificação. Na hora da tentação Satanás abafa a obra de Deus e inculca várias dúvidas, especialmente naqueles que têm muito fraco ou forte entendimento. Em tais ocasiões há absoluta necessidade deste testemunho; sem ele, a obra da santificação não poderia ser discernida nem poderia permanecer. Se não fosse assim, a alma não poderia continuar no amor de Deus; muito menos estar sempre alegre e dar graças em tudo. Nestas circunstâncias, pois, é necessário um testemunho direto de que somos santificados.

Alguém diz: “Mas não tenho testemunho de que sou salvo do pecado. No entanto, não duvido que o seja.” Enquanto não tiver dúvida, está tudo bem, mas quando a dúvida aparecer, a pessoa precisará do testemunho.

19. P: “Que passagem da Escritura menciona tal coisa ou dá alguma razão para esperá-la?”

R: O texto que diz: “Ora, nós não temos recebido o Espírito do mundo e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que reconheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente” (1Co 2.12).

Ora bem, sem dúvida alguma, a santificação é uma das bênçãos que “foi dada por Deus.” E não há razão para excluir quando o apóstolo diz: “Temos recebido o Espírito,” com este fim, “para que conheçamos o que nos foi dado por Deus gratuitamente.”

Não indica a mesma coisa esta passagem bem conhecida: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”? (Rm 8.16). O Espírito testifica disto somente àqueles que são filhos de Deus em grau menor? Não, não somente a estes, mas também aos que o são em grau superior. E não testifica o Espírito que os tais estão num sentido mais elevado? Que razão temos para duvidá-lo?

E, se um homem afirmasse (como fazem alguns) que este testemunho corresponde somente à classe espiritual mais alta dos cristãos? Não lhe responderia que o apóstolo não faz exceção e, portanto, pertence sem dúvida, a todos os filhos de Deus? Não pode dar a mesma resposta àquele que afirma que corresponde unicamente à classe de cristãos menos espirituais?

Considerai igualmente 1Jo 5.19: “Sabemos que somos de Deus.” Como o sabemos? “Pelo Espírito que nos deu” (1Jo 3.4). Deste modo sabemos que ele permanece em nós. Que base temos, quer das Escrituras, quer da razão, para dizer que o apóstolo não se referia nestes versículos, tanto ao testemunho quanto ao fruto do Espírito Santo? (1Co 2.12). Assim sabemos que somos filhos de Deus e em que sentido o somos; quer sejamos meninos, jovens, pais, sabemo-lo da mesma maneira.

Não quero afirmar que todos os jovens e mesmo todos os pais tenham sempre este testemunho. Pode haver interrupções no testemunho direto de que nasceram de Deus; mas estas interrupções são menos freqüentes e mais curtas à medida que o indivíduo vai crescendo em Deus. Alguns chegaram a ter o testemunho da sua justificação e santificação sem interrupção; experiência que, presumo, poderiam ter muito mais se andassem humildemente e mais chegados a Deus.

20. “Pode suceder que alguns tenham o testemunho do Espírito de que jamais cairão da graça de Deus?”

R: Pode. E esta convicção de que nem a vida nem a morte nos separará d’Ele, longe de ser prejudicial, pode em certas circunstâncias ser muito útil. A esses, portanto, não devemos afligir de forma alguma, mas sinceramente animá-los a manter firme a sua confiança até o fim (Hb 3.6).

21. P: “Há quem tenha o testemunho do Espírito de que nunca pecará?”

R: Desconhecemos o que Deus promete a certas pessoas. Além disso, não encontramos nas Escrituras qualquer estado geral no qual o homem não possa tornar a pecar. Se houvesse algum estado em que fosse impossível tornar a pecar, seria o de santificados; estes são mais maduros em Cristo, regozijam-se, oram sem cessar e em tudo dão graças; porém, é possível que tornem a pecar. Mesmo os santificados podem cair e perecer (Hb 10.29). Até os mais experientes precisam daquela admoestação “Não ameis o mundo” (1Jo 2.15). Aqueles que se regozijam, oram e dão graças sem cessar, podem extinguir o Espírito (1Ts 5.19). Mesmo os que estão selados para o dia da redenção podem entristecer o Espírito de Deus (Ef 4.30).

De modo que, ainda que Deus dê testemunho a uma pessoa em particular, não deve ser esperado pelos cristãos em geral, não havendo base bíblica para semelhante esperança.

22. P: “Por quais frutos do Espírito podemos saber com certeza que somos filhos de Deus, mesmo no grau mais elevado?”

R: Por meio do amor, gozo e paz permanentes; por meio da tolerância, paciência e resignação; por meio da mansidão triunfante sobre a provocação; por meio da bondade, benignidade, doçura e ternura de espírito; por meio da fidelidade, simplicidade e sinceridade piedosa; por meio da calma e serenidade de espírito; por meio da temperança, não só no comer e dormir, senão em todas as coisas naturais e espirituais.

23. P: “Que há de essencial nisto? Não recebemos tudo quando somos justificados?”

R: O que? Resignação total à vontade de Deus, sem mistura da vontade própria? Mansidão sem sombra de ira, mesmo no momento em que somos provocados? Amor a Deus sem o menor amor pela criatura, senão em e por Deus, excluindo o orgulho? Amor pela humanidade, excluindo ciúmes e juízo imprudente? Humildade conservando a alma com calma inviolável? Temperança em todas as coisas? Negue que alguém haja alcançado isto, se quiser, mas não diga que todos os justificados não o alcançam.

24. P: “Alguns recém-justificados o alcançam? Que diremos deles?”

R: Se realmente o alcançam, direi que estão santificados; salvos do pecado neste momento e que não necessitam perder o que Deus lhes deu, nem sentir mais pecado.

Mas de certeza é um caso excepcional. Ocorre o contrário com a maioria dos justificados; sentem em si orgulho, ira, obstinação e inclinação para desviarem-se: até que mortifiquem gradualmente estes impulsos, não se acham completamente renovados em amor.

25. P: “Não é este o caso de todos os justificados? Não morrem gradualmente para o pecado e crêem na graça, até que, à hora da morte, ou pouco antes, Deus os aperfeiçoa em amor?”

R: Creio que é o caso da maioria, mas não, de todos. Deus, geralmente, dá ao homem tempo suficiente para receber luz, crescer na graça e fazer a vontade divina, antes de ser justificado ou santificado; mas ele não adere invariavelmente a este método; às vezes encurta seu trabalho de vários anos para poucas semanas; talvez uma semana, um dia, uma hora. Deus justifica ou santifica igualmente aos que nada têm feito ou sofrido e aqueles que não tiveram tempo para experimentar crescimento gradual na luz ou na graça. “Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom”? (Mt 20.15).

Não é necessário, pois, afirmar vez após vez ou provar por quarenta textos bíblicos que a maioria dos homens é aperfeiçoada em amor, que há uma obra gradual de Deus na alma ou que, geralmente falando, passa muito tempo (até vários anos), antes que o pecado seja destruído. Sabemos tudo isto; mas também sabemos que Deus pode, com a boa vontade do homem, encurtar Seu trabalho segundo Lhe aprouver e fazer num momento o que levaria anos. Ele o faz em muitos casos; e ainda resta uma obra gradual, antes e depois deste momento. Assim um pode afirmar que o trabalho é gradual, outro que é instantâneo, sem que haja por isso contradição.

26. P: “Com a frase ‘selado com o Espírito,’ Paulo quer dizer algo mais do que ser ‘renovado em amor’?”

R: Talvez num lugar (2Co 1.22), não queira dizer tanto, porém, em outro (Ef 1.13) ele pareça incluir tanto o fruto quanto o testemunho; e este é um grau mais elevado do que aquele que experimentamos quando pela primeira vez somos renovados em amor. Deus nos selou com o Espírito da promessa, dando-nos plena certeza de esperança, quer dizer, a certeza de receber todas as promessas de Deus, sem possibilidade de dúvida; nos selou com o Espírito Santo, com uma santidade universal, imprimindo em nossos corações a verdadeira imagem de Deus.

27. P: “Como podem aqueles assim selados entristecer ‘o Santo Espírito de Deus’?”

R: Paulo responde a esta pergunta muito particularmente, dando a conhecer que se pode entristecer o Espírito: (1) Por conversas ociosas, inúteis para edificação, imprópria para ministrar graça aos ouvintes. (2) Por entregar-se alguém à amargura ou à falta de caridade. (3) Pela ira, contínuo descontentamento, ou falta de ternura de coração. (4) Pela cólera, não importa quão rapidamente passe; por não perdoar imediatamente um ao outro. (5) Por gritos, clamores, dureza e aspereza no falar. (6) Por maledicência, tagarelice, bisbilhotice; pela menção desnecessária de faltas de uma pessoa ausente, ainda que seja de maneira benigna.

28. P: “Que pensa o senhor a respeito dos crentes que, em Londres, parecem ter sido recentemente ‘renovados em amor’?”

R: Há algo muito peculiar na experiência da maioria deles. Esperar-se-ia que um crente fosse primeiro cheio de amor e, depois disso, esvaziado do pecado; mas estes foram primeiro esvaziados do pecado e depois cheios de amor. Talvez tenha agradado a Deus trabalhar deste modo a fim de tornar mais clara e inegável a sua obra e para distingui-la melhor do amor transbordante que muitas vezes se sente no estado de justificação.

Além disso, parece estar de acordo com a grande promessa: “Ficareis purificados de todas as vossas imundícies... dar-vos-ei coração novo e porei em vós espírito novo” (Ez 36.24 e 26).

Porém, penso que não agiu com todos da mesma maneira; há diferença entre uns e outros. Creio que muitos daqueles com quem tenho falado, têm fé, amor, gozo e paz. Alguns deles, creio, são renovados em amor e têm testemunho direto disso; manifestam os frutos acima descritos em todas as suas palavras e ações. Agora, deixai que chamem a isto o que quiserem. Para mim chama-se perfeição cristã.

Mas alguns que têm muito amor, paz e gozo, ainda que não têm o testemunho direto, e há outros que pensam tê-lo, manifestamente lhes falta o fruto. Quantos não sei, talvez um em dez; talvez menos ou mais. Porém, a alguns falta, inegavelmente, a resignação cristã. Não vêm a mão de Deus em tudo que acontece, para aceitar alegremente. Não estão sempre alegres nem dão graças em tudo. Não são felizes, pelo menos não sempre, porque às vezes se queixam: “Isto ou aquilo é muito duro.”

A alguns falta mansidão. Resistem ao mal ao invés de lhe voltar as costas. Não aceitam graciosamente a censura nem a repreensão. Não suportam oposição sem ao menos dar aparência de ressentimento. Se são repreendidos ou contrariados, embora com brandura, não o aceitam bem; ficam mais distantes e reservados que antes. Se são repreendidos, embora com suavidade, respondem com aspereza, em voz alta e tom irado, ou ainda de maneira insolente. Falam com dureza e irritação quando repreendem os outros; tratam com dureza os seus inferiores.

A alguns falta bondade. Não são benignos, mansos, meigos, amáveis, amorosos em todo tempo, no seu espírito, palavras, olhares, enfim, em toda a sua conduta. E assim são com todos, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, sem acepção de pessoas, particularmente com os menos afortunados, os adversários e os da própria casa. Não se esforçam para tornar felizes aqueles que os rodeiam. Podem vê-los angustiados e não se importam, talvez sendo eles mesmos a causa da infelicidade; mas lavam as mãos e dizem: “Merecem o que estão passando, pois têm culpa.”

A outros faltam fidelidade, veracidade, simplicidade e sinceridade. O seu amor dificilmente é sem dissimulação; algo como dolo está em sua boca. Para

evitar a aspereza vão para outro extremo. São excessivamente afáveis até ao ponto de servilismo, ou procuram manifestar o que não sentem na realidade.

A outros falta humildade, tranqüilidade de espírito, compostura, uniformidade de disposição. Têm altos e baixos; as suas mentes são desequilibradas. Suas afeições carecem de devida proporção; têm muitas coisas em demasia e outras, pouco, ou não estão devidamente misturadas, a fim de se contrabalançarem. Portanto, há choques algumas vezes. As suas almas desafinadas não podem produzir a verdadeira harmonia.

Falta a outros a temperança. Não usam continuamente o tipo ou quantidade de comida que sabem, ou deviam saber, que é melhor para a saúde, força e vigor do corpo. São descontrolados quanto ao sono; não aderem com vigor ao que é melhor para os seus corpos e mentes. De outro modo, se acostuariam a ir para a cama e a levantar-se cedo, em hora fixa. Ceiam tarde, o que não é bom para o corpo nem para a alma. Não usam jejum nem abstinência. Preferem a pregação, a leitura, ou a conversa que lhes dê alegria passageira, em lugar do que produz tristeza piedosa ou instrução em justiça. Estas são várias formas de intemperança. Um gozo como este não é santificado; não tende para, nem termina na crucificação do coração. Semelhante fé não se centraliza em Deus, mas em si mesma.

Até aqui está tudo claro. Creio que tendes fé, amor, alegria e paz. Todavia, vós que estais interessados em conhecer as faltas acima mencionadas, ainda vos falta paciência, mansidão, fidelidade, benignidade e temperança. Então, não contendamos sobre palavras; no ponto mais importante estamos de acordo.

29. P: “Podem os que são perfeitos em amor crescer na graça?”

R: Sem dúvida que sim. Não só enquanto estão no corpo mas por toda a eternidade.

30. P: “Podem cair deste estado?”

R: Estou certo que sim; os fatos comprovam-no, sem dúvida. Pensávamos, anteriormente, que qualquer que fosse salvo do pecado não poderia cair. Agora sabemos que não é assim. São abundantes os exemplos daqueles que tanto os frutos como o testemunho do Espírito, mas agora perderam ambos. Não existe um nível ou estágio de santidade do qual não seja possível cair. Se alguns crêem que não podem cair, devem ter em mente que isso depende inteiramente da fidelidade e promessa de Deus, não de méritos próprios.

31. P: “Os que caem deste estado, podem recobrá-lo?”

R: Por que não? Sabemos de alguns casos. Não é impossível, até, que a pessoa o perca mais de uma vez, antes de estabelecer-se nele. É, portanto, para guardar da ocasião de tropeçar aos que são salvos do pecado, que dou os conselhos que seguem:

Mas primeiro eu falarei a respeito do trabalho.

Eu estimo que este último trabalho seja de Deus, provavelmente o maior na face da terra. Porém, como todos os outros, também está misturado com muita fragilidade humana. Estas fraquezas são bem menos do que poderia ser esperado e deveriam ter sido reverenciadas alegremente por todos os que amam e perseguem a justiça. Tem havido alguns homens fracos, mornos, todavia não é base justa para acusar a multidão de homens de mente sóbria que são padrão de santidade rigorosa. Porém (justamente o contrário do que deveria ser), a oposição é grande; a ajuda é pouca. Decorrente disto muitos são impedidos de procurar a fé e a santificação pelo falso zelo de outros; e alguns que começaram a correr bem, são desviados do caminho.

32. P: “Qual é o primeiro conselho que o senhor lhes daria?”

R: Vigiai e orai continuamente contra o orgulho. Se Deus o lançou fora, procurai que não torne a voltar porque é tão perigoso quanto o é o desejo. Pode-se resvalar de novo, especialmente se alguém pensa que isto é impossível. “Mas,” dirá alguém, “tudo quanto tenho atribuo a Deus.” Pode fazê-lo e ainda ser orgulhoso. Porque orgulho não é só atribuir a nós mesmos tudo que possuímos, mas também pensar que temos o que realmente não temos. O senhor L., por exemplo, atribuiu a Deus toda a luz que tinha e até aqui era humilde; mas ele pensava que tinha mais luz que qualquer outro homem e isto já era orgulho manifesto.

Assim, pode-se atribuir a Deus toda a sabedoria que alguém tenha, e ser nesse sentido humilde. Mas ao pensar que tem mais do que realmente tem ou que foi ensinado por Deus de tal maneira que não precise mais dos ensinamentos dos homens, o orgulho está à porta. Sim, necessitais ser ensinados, não só pelo senhor Morgan, pelo senhor Maxfield ou por mim, mas também pelo pregador mais humilde de Londres; pois, Deus envia quem lhe apraz.

Portanto, não dizei a qualquer que vos aconselha ou reprova: “Você está cego, não pode ensinar-me.” Nem tampouco dizei: “Esta é a vossa sabedoria, vossa razão carnal;” antes, com calma, apresentai o assunto diante de Deus.

Lembraí sempre que muita graça não significa muita luz. Estas duas não andam sempre juntas. Assim como pode haver muita luz onde há pouco amor, também pode haver muito amor onde há pouca luz. O coração tem mais calor que os olhos e, mesmo assim, não pode ver. Deus ligou os membros do corpo, de modo que nenhum diga ao outro: “não preciso de ti.”

Pensar que apenas os salvos do pecado podem ensinar-vos é um erro muito grande e perigoso. Não deis lugar a esta idéia nem por um momento, porque vos conduzirá a mil outros erros. O direito de dominar não tem o seu fundamento na graça, como opinavam alguns fanáticos de outras épocas. Obedecei e atentai aos que estão postos sobre vós no Senhor, e não penseis que sabeis mais do que eles.

Reconheci o lugar que lhes corresponde e também o vosso, recordando sempre que muito amor não significa muita luz.

Por não observar isto alguns têm cometido muitos erros e dão aparência de orgulho. Fugi tanto da aparência como do próprio orgulho. Que haja em vós a mente humilde que houve em Cristo Jesus. E sede também revestidos de humildade. Que esta não só vos encha, mas vos cubra completamente. Que a modéstia e a simplicidade adornem todas as vossas palavras e ações; que tudo quanto falais e fazeis mostre que vos considerais pequenos, baixos e vis aos vossos próprios olhos.

Para exemplificar esta atitude, estais sempre prontos a reconhecer qualquer falta que tenhais cometido. Se em algum tempo haveis pensado, falado ou procedido mal, não hesiteis em confessá-lo. Não penseis que esta confissão prejudicará a causa de Deus; pelo contrário, ajuda-la-á. Sede, pois, sinceros e francos quando estiverdes oprimidos por algum motivo. Não procureis evitá-lo ou disfarçá-lo; deixai que apareça tal qual é, e assim não estorvareis mas ajudareis o Evangelho.

33. P: “Qual é o segundo conselho que o senhor lhes daria?”

R: Tende cuidado com o filho do orgulho chamado entusiasmo. Guardai-vos a maior distância possível dele! Não proporcioneis lugar à imaginação febril. Não atribuais precipitadamente coisas a Deus. Não penseis à primeira vista que sonhos, vozes, impressões ou revelações são de Deus. Pode ser que venham d’Ele, mas também podem vir da natureza ou do diabo. Portanto, “provai se os espíritos procedem de Deus” (1Jo 4.1). Examinai todas as coisas pela palavra de Deus, e deixai que tudo se prostre diante dela. Estais em perigo de ser vítima do fanatismo a cada momento, se por menos que seja, vos afastais das Escrituras ou do significado literal do texto, quando tomado em ligação com o contexto. Estais também no mesmo perigo se desprezais a inteligência, a sabedoria e o conhecimento humano; cada um dos quais é um excelente dom de Deus e pode servir para os mais nobres fins.

Eu vos aconselho a que não useis em tom de censura as palavras “sabedoria,” “inteligência” e “conhecimento.” Ao contrário, orai para que vós mesmos abundeis mais e mais nelas. Se vos referis à sabedoria mundana, conhecimentos inúteis, raciocínio falso, explicai-o claramente; jogai fora a palha, mas não o trigo.

Esperar obter o fim sem os meios é uma coisa que procede do entusiasmo; esperar conhecimento, por exemplo, sem estudar as Escrituras, ou consultar os filhos de Deus; esperar força espiritual, sem oração e vigilância constantes; esperar bênçãos sem aproveitar cada oportunidade de ouvir a palavra de Deus.

Alguns ignoram este engano de Satanás. Deixaram de estudar as Escrituras. Disseram: “Deus escreve toda a Escritura no meu coração e não tenho necessidade

de lê-la.” Outros pensaram que não tinham tanta necessidade de ouvir a palavra, e deixaram de assistir ao culto devocional do domingo de manhã. Estai alertas, vós que vos achais nestas condições! Escutastes a voz de um estranho. Voltai depressa a Cristo, e guardai-vos no antigo e bom caminho “que uma vez foi dado aos santos” e do qual deu testemunho um pagão dizendo: “Os cristãos levantam-se cedo todas as manhãs para cantar hinos a Cristo e a Deus.”

O próprio desejo de crescer na graça, às vezes dá lugar ao fanatismo. Como tal desejo nos leva a buscar nova graça, pode conduzir-nos, inadvertidamente, a outra coisa, que não só a novos níveis de amor a Deus e ao semelhante. Por isso alguns começaram a fantasiar que receberam novos dons além de um coração novo, tais como: (1) Amar a Deus com todo o nosso entendimento; (2) com toda a nossa alma; (3) com toda a nossa força; (4) união com Deus; (5) união com Cristo; (6) ter a vida escondida com Cristo em Deus; (7) ser morto com Cristo; (8) ter ressuscitado com ele; (9) sentar-se com Ele em lugares celestiais; (10) ser elevado até ao Seu trono; (11) estar na nova Jerusalém; (12) ver baixar entre os homens o tabernáculo de Deus; (13) ser morto para toda a obra; (14) não estar sujeito à morte, à dor, à pena e à tentação.

Uma das causas de muitos destes erros se baseia no fato de se tomar como dádiva de um novo dom a forte aplicação ao coração de qualquer destas escrituras, ignorando-se que muitos destes textos ainda não estão cumpridos e que a maioria se cumprirá quando formos justificados e o restante no momento de sermos santificados. Só nos resta experimentá-las em maior grau. É tudo que devemos esperar.

Mais uma causa destes e de mil outros erros acha-se na falta de considerar profundamente que o amor é o dom mais sublime de Deus: o amor humilde, benigno e paciente; esquecer que todas as visões, revelações e manifestações de toda a espécie são muito pequenas comparadas com o amor; esquecer que todos os dons mencionados são iguais ou infinitamente inferiores a este dom do amor.

É bom que estejais completamente cientes disto: o céu dos céus é o amor. Nada há mais nobre na religião; com efeito, nada mais existe; se buscais outra coisa além do amor, estais fora do caminho, estais desviando-vos da verdadeira senda. E quando perguntais a outros: “Já recebestes esta ou aquela bênção?”, se quereis dizer algo que não seja o amor, estais equivocados; estais desviando-os do caminho e colocando-os em pista errada. Estabelecei pois em vossos corações esta verdade, que, desde o momento que Deus vos salvou do vosso pecado, não deveis procurar obter outra coisa, senão este amor descrito no capítulo treze da primeira carta aos Coríntios. Não podeis subir mais alto, até que sejais levados ao seio de Abraão.

Digo-vos novamente, tende cuidado com o fanatismo, tal como imaginar que tendes o dom da profecia ou de discernir espíritos, ou que penso que nenhum de vós tem e nem teve. Guardai-vos de julgar bem ou mal os outros pelo vosso próprio juízo. Esta não é a maneira bíblica de julgar. Cercai-vos cuidadosamente com a “lei e o testemunho”! (Is 8.20).

34. P: “Qual é o terceiro conceito?”

R: Guardai-vos do antinomianismo, quero dizer, de anular a lei ou alguma parte dela pela fé. O entusiasmo naturalmente, conduz a isto; na verdade é difícil separá-los. Este pode introduzir-se clandestinamente de mil formas, por isso deveis velar continuamente contra ele. Tende cuidado com tudo que tenda a isto, seja em princípio ou em prática. Mesmo a grande verdade que “o fim da lei é Cristo” pode seduzir-nos a cometer erro, se não considerarmos que Ele aceitou cada ponto da lei moral, enxertando-a na lei do amor. Guardai-vos de pensar: “Porque estou cheio de amor, não necessito de tanta santidade. Porque oro sempre não necessito estabelecer um tempo para orar em secreto. Porque sou sempre vigilante, não preciso examinar-me mais.” Pelo contrário, engrandecemos a lei, toda a palavra escrita. (Is 42.21). Digamos: “Amo os teus mandamentos mais do que ouro, mais do que ouro refinado. Amo a tua lei. Medito nela todo dia” (Sl 119.127 e 97). Guardai-vos dos livros antinomianistas; particularmente das obras do Dr. Crisp e do senhor Saltmarsh. Contêm coisas excelentes e isto os torna ainda mais perigosos. Fugi deles, não brinqueis com fogo.

Peço que vos guardeis da intolerância. Não concentreis vosso amor somente nos chamados “metodistas;” muito menos neste pequeno grupo dos que parecem estar renovados em amor ou que crêem no vosso testemunho. Que não seja esse vosso Shibolet! Guardai-vos da falta de ação, deixando de fazer as obras que vos competem. Mencionei um caso entre muitos: “Você recebeu uma grande bênção,” diz alguém. “Mas começou a vangloriar-se e a sentir-se orgulhoso por isto, e a fazer uma coisa e outra; por isso a perdeu. Devia ter permanecido quieto.”

Guardai-vos da auto-indulgência, tornando-a virtude e zombando da abnegação, de tomar a cruz a cada dia, do jejum e da abstinência. Acautelai-vos do espírito de censura, chamando cegos, mortos, caídos ou “inimigos do trabalho” quaisquer que oponham-se a vós no juízo ou na prática. Outra vez digo-vos que deveis ter cuidado com aqueles e só “crede, crede”! e ao mesmo tempo criticam como ignorantes ou escravos da lei os que falam num sentido mais bíblico. É verdade que em certas ocasiões é proveitoso tratar apenas do arrependimento ou somente da fé ou da santidade; mas, geralmente, nossa missão é declarar todo o conselho de Deus e profetizar conforme a medida da fé. A Palavra trata de justiça em todas as suas partes, não omitindo nem sequer os pontos mais pequenos, como o de ser sóbrio, diligente, cortês, paciente, respeitoso, para com todos os homens. Igualmente, o Espírito Santo opera em nossos corações, não simplesmente criando desejos de santidade em geral, mas inclinando-nos fortemente a cada graça em particular, e guiando-nos a pôr em prática o que é compreendido nas palavras “tudo que é amável.” Desta maneira o Espírito Santo nos dirige com a mais absoluta propriedade, pois “com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou” (Tg 2.22). Assim também podemos ver que os nossos atos de obediência ou desobediência podem fortalecer ou diminuir a fé, trazer o favor ou o desagrado de Deus sobre nós.

35. P: “Qual é o quarto conselho?”

R: Cuidai-vos do pecado da omissão; não percais qualquer oportunidade de fazer o bem. Sede zelosos de boas obras, não omitindo voluntariamente uma obra de piedade ou misericórdia. Fazei todo o bem possível para o corpo e a alma dos homens. Sede trabalhadores; não deis lugar à indolência e à preguiça, não se diga que sois ociosos. Não há dúvida que haverá quem o diga, apesar de tudo, mas procedei de tal maneira que o vosso espírito e comportamento refutem a calúnia. Estai sempre ocupados, não percais tempo, aproveitais cada instante para que nada se perca. Fazei com vontade tudo quanto as vossas mãos encontrarem para fazer. Sede lentos e prudentes ao falar. “No muito falar não falta transgressão” (Pv 10.19). Não faleis muito, nem muito de uma vez. Poucos são os que podem conversar proveitosamente mais de uma hora. Conservai-vos longe da falácia e da tagarelice religiosa.

36. P: “Qual é o quinto conselho?”

R: Que o vosso desejo seja só Deus e nada mais do que Deus. Agora não desejais outra coisa; todos os outros desejos foram lançados fora; procurai que não entrem novamente. “Conserva-te puro” (1Tm 5.22) e que o vosso olhar seja sincero e “todo o teu corpo seja luminoso” (Mt 6.22). Não vos domine o desejo de manjares agradáveis ou qualquer outro prazer dos sentidos; nenhum desejo de agradar a vista ou a imaginação com algo grande, novo ou belo; nenhum amor ao dinheiro, ao elogio, à estima ou à felicidade que provenham de qualquer criatura. É possível voltar a estes desejos mas não é necessário senti-los mais. Ficai firmes na liberdade com que Cristo vos libertou!

Sede modelos de abnegação e de levar a cruz diariamente. Mostrai que não tendes interesse em prazer que não vos faça chegar mais perto de Deus; nem olheis para qualquer dor que surja; procurai, simplesmente, agradar-lhe em todo o tempo e circunstâncias; que a linguagem constante de vossos corações com respeito ao prazer ou à dor, à honra ou a desonra, às riquezas ou à pobreza, seja:

Tudo é igual para mim,
Conquanto possa no meu Senhor viver e morrer!

37. P: “Qual é o sexto conselho?”

R: Guardai-vos dos cismas, de fazer divisões na Igreja de Cristo. Da desunião interior entre irmãos, quando deixam de amar uns aos outros (1Co 12.25), é a raiz de toda a contenda e separação exterior. Evitai estas coisas. Guardai-vos de tudo que se assemelhe ao espírito de divisão. Portanto, não digais: “Eu sou de Paulo e eu de Apolo.” Isto ocasionou cisma na igreja de Corinto. Não digais: “Este é meu pregador predileto, o melhor do país. Dai-me este e tirai todos os outros.” Tudo isto tende a originar ou fomentar divisão e a separar os que Deus uniu. Não desprezeis ou difameis qualquer pregador; não exalteis a um mais do que outros, para que não prejudiqueis tanto a ele como a causa de Deus. Não sejais severos

com alguém por causa de certas incoerências ou enganos de expressão; nem erros, se o forem verdade.

Se quereis evitar os cismas, observai em consciência a disciplina da igreja e dos grupos. Procurai assistir aos cultos, tanto privados como públicos. Eles são as artérias da nossa sociedade e qualquer coisa que debilite o nosso apreço pelas reuniões, ataca a própria raiz da comunidade. Alguém disse:

“As reuniões privadas durante a semana, para oração, exame e exortação pessoal têm sido o meio de aprofundar e confirmar todas as bênçãos recebidas por intermédio da palavra pregada, também de estendê-las a outros que não puderam assistir ao ministério público da Palavra. Assim, sem esta relação e intercâmbio religiosos, os esforços mais ardentes, pela mera pregação, seriam de efeito pouco duradouro.”

Não abrigueis nas vossas mentes nem mesmo o menor pensamento de separar-vos dos irmãos, comunguem ou não das mesmas opiniões. Não penseis nenhum momento que alguém peca por não aceitar vossa palavra; ou pensar que esta ou aquela opinião é essencial à obra, ou que ambas têm de permanecer ou cair juntas. Não vos impacientéis quando vos contrariam. Não condeneis nem penseis mal daqueles que não vêem as coisas como vós, ou daqueles que julgam seu dever contradizer-vos, seja em coisas grandes ou pequenas. Receio que alguns dos nossos tenham pensado mal de outros pelo mero fato de se mostrarem em desacordo com o que afirmamos. Todas estas coisas conduzem a divisão e por meio de exemplos desta ordem fazemos com que formem má opinião de nós mesmos.

Tende cuidado com o irar-se facilmente, a impertinência, o não tolerar a repreensão; zangar-se pela mínima coisa e do não tratar com aqueles que não recebem implicitamente os meus ensinamentos ou de outrem.

Esperais a contradição e a oposição, juntamente com aflições de várias espécies. Considerai as palavras de Paulo: “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo (por sua causa, como fruto da Sua morte e intercessão por vós) e não somente de crerdes nele” (Fp 1.29). Vos foi concedida! Deus vos dá essa oposição ou censura, é uma nova prova do Seu amor. Ousais negar o doador ou desprezar a sua dádiva e tomá-la como desgraça? Não era melhor dizerdes: “Pai, chegou a hora de seres glorificado; quiseste que eu sofresse algo por Ti; faze comigo a tua vontade!” Sabei que estas coisas longe de serem impedimentos para a obra de Deus ou para as vossas almas, sempre que não seja culpa vossa, não somente são inevitáveis no plano providencial, mas também proveitosa se ainda necessárias. Portanto, recebei-as da mão de Deus com boa vontade e agradecimento e não como fruto da casualidade. Recebei-as dos homens com humildade, mansidão, ternura e delicadeza. Por que não é gentil a vossa aparência e maneira de tratar? Recordai o caráter da senhora Cutts. De Tito, imperador romano, se diz: “Jamais saiu alguém desgostoso da sua presença.” Mas da senhora Cutts pode-se dizer que jamais se apresentou alguém desgostoso diante dela, tão seguros estavam todos da amável e favorável recepção que ela lhes daria.

Guardai-vos de tentar a outros para separarem-se de vós. Não ofendais, se podeis evitar; procurai que vossa vida prática seja de acordo com vossa profissão de fé, embelezando a doutrina de Deus, nosso Salvador. Tende muito cuidado ao falar de vós mesmos. Não negueis a obra que Deus tem feito em vós, antes falai dela quando for preciso, mas da maneira mais inofensiva possível. Evitai nisto o uso de palavras pomposas, não necessitais de lhe dar um nome específico como 'perfeição,' 'santificação,' 'segunda bênção.' Melhor, falai da obra de Deus feita a vosso favor. Podeis dizer: "Em tal tempo senti uma mudança, a qual não posso expressar. Desde então não tenho tido orgulho, obstinação, ira ou incredulidade; somente a plenitude do amor para com Deus e a humanidade." Podeis também responder com modéstia e simplicidade a qualquer pergunta simples que se faça.

Se alguns de vós, por desgraça, deixardes um dia de serdes o que sois e sentirdes novamente orgulho, incredulidade, mau gênio do qual agora sois libertos, não o negueis, nem disfarceis, pondo em perigo as vossas almas. Em tal caso buscai a alguém em quem confiar e exponha-lhe o que sentis. Deus vos ajudará a falar em tempo oportuno e isso será para a saúde de vossas almas. Deus, seguramente, levantará outra vez a vossa cabeça e fará que se regozijem os ossos que estiveram quebrados.

38. P: "Qual é o último conselho que lhes daria o senhor?"

R: Sede exemplos em todas as coisas, especialmente em coisas exteriores (como vestir), em coisas pequenas, na administração do vosso dinheiro (evitando gastos desnecessários), em profunda e firme seriedade e proveito da vossa conversão. Assim, sereis como lâmpadas iluminando um lugar escuro, e crescereis diariamente em graça até que "vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 1.11).

A maior parte dos conselhos anteriores está reforçada fortemente nas reflexões que seguem. Depois das Sagradas Escrituras, recomendo-os para a vossa profunda e freqüente consideração.

(1) O mar é uma excelente figura da plenitude de Deus e do Espírito Santo. Porque assim como as águas de todos os rios correm para o mar, assim os corpos, as almas e as boas obras dos justos voltam a Deus, para viver ali em seu eterno repouso.

Embora todas as graças de Deus dependam meramente da sua bondade, ainda Ele, geralmente, se compraz, em no-las outorgar juntamente com as orações, as instruções e a santidade daqueles com quem tratamos. Por forças poderosas, embora invisíveis, Ele atrai algumas almas por meio de contato com outros.

A simpatia obtida pela graça supera a conseguida por instinto natural.

A vida dos devotos genuínos mostra que as paixões podem brotar tanto do verdadeiro amor como do falso; são muito sensíveis ao bem ou ao mal daqueles que amam no Senhor. Mas esta sensibilidade pertence apenas àqueles que compreendem a linguagem do amor.

O interior da nossa alma pode estar em repouso, enquanto nos achamos externamente atribulados; da mesma maneira, o fundo do mar pode estar em calma enquanto a superfície se mantém fortemente agitada.

Os melhores meios para o crescimento na graça são os maus tratos, os insultos e as perdas que sofremos. Devemos recebê-los com agrado e, de preferência, a todos os outros meios, desde que a nossa vontade não faça parte deles.

A maneira mais fácil de escaparmos ao sofrimento é estarmos dispostos a aceitá-lo no tempo que seja aprazível a Deus.

Se sofremos com bom espírito perseguição ou dor, alcançamos um nível mais alto de conformidade com Cristo do que alcançaríamos imitando a sua misericórdia por meio de boas obras.

Uma das maiores evidências do amor de Deus para com aqueles que O amam é mandar-lhes aflições, com graça suficiente para suportá-las.

Embora passando pelas maiores provas, devemos testificar a Deus que ao recebê-las da Sua mão, sentimos júbilo no meio da dor, por sermos afligidos por Aquele que nos ama e a Quem amamos.

O meio mais freqüente que Deus emprega para atrair um homem para si é afligi-lo naquilo que ele ama; fazer que esta aflição resulte de alguma boa obra feita com sinceridade, porque nada pode mostrar-lhe melhor a vaidade.

(2) A verdadeira resignação consiste em uma completa conformidade à inteira vontade de Deus, que faz e ordena tudo que se passa neste mundo (exceto o pecado). Para conseguirmos isto, temos somente de aceitar todos os acontecimentos, maus ou bons, como Sua vontade.

No meio das aflições maiores que sucedem ao justo, venham do céu ou da terra, ele permanece calmo e em paz; tem uma perfeita submissão a Deus por uma íntima e amorosa reverência a Ele, na qual coloca as forças da sua alma.

Devemos sofrer com mansidão tudo que nos aconteça, suportar as debilidades dos outros e as nossas, confessá-las a Deus em oração secreta, ainda que com gemidos inexprimíveis e nunca pronunciar palavras grosseiras ou iradas, nem murmurar ou queixar-nos.

Devemos suportar as debilidades que não podemos mudar e contentar-nos com oferecê-las a Deus. Esta é a verdadeira resignação. E já que ele levou as nossas enfermidades, podemos levar as fraquezas uns dos outros por seu amor.

Abandonar tudo a fim de buscar e seguir Jesus Cristo até Belém, onde nasceu; segui-lo à sala onde foi açoitado e até ao Calvário onde morreu na cruz, é uma misericórdia tão grande, que nem o privilégio nem o conhecimento disto é dado a alguém, senão por fé no Filho de Deus.

(3) Não há amor a Deus sem paciência e não há paciência sem humildade e serenidade de espírito. A humildade e a paciência são as provas mais seguras do amor cristão. Somente a humildade une a paciência ao amor, sem a qual é impossível tirar proveito dos sofrimentos, ou evitar queixas, especialmente quando sentimos que não demos ocasião ao que os homens nos fazem sofrer. A verdadeira humildade é uma espécie de aniquilação de si mesmo, e isto é o centro de todas as virtudes.

Uma alma que busca a Deus deve estar atenta a tudo que lhe seja dito quanto à sua salvação, com desejo de tirar proveito.

Os pecados que Deus perdoou não permitais que nenhum volte a ocupar o vosso coração. Nele não deve restar outra coisa senão profunda humildade, e uma disciplina rigorosa das nossas ações, palavras e sofrimentos.

(4) Suportar os homens é sofrer com mansidão e em silêncio; é o resumo da vida cristã.

O nosso primeiro dever é amar a Deus sobre tudo; o segundo é desculpar os defeitos dos outros. E devemos começar a praticar isto em nossos próprios lares.

Devemos exercitar o nosso amor especialmente com aqueles que mais diferem da nossa maneira de pensar, do nosso temperamento, dos nossos conhecimentos ou do desejo que outros sejam tão virtuosos como nós desejamos ser.

(5) Nem mesmo aos que Ele já estabeleceu na graça Deus dá o Seu espírito, se não pedirem a Ele em todas as ocasiões, não apenas uma vez, mas muitas.

Tudo o que Deus faz é em resposta a oração. Mesmo aqueles que são convertidos, se não orarem por si próprios (o que será um caso muito raro) outros orarão por eles. Cada nova vitória que uma alma ganha é resultado da oração.

Nas nossas inquietações devemos retirar-nos para orar e assim, dar lugar à graça divina e receber maior luz de Deus. Então, poderemos tomar nossas resoluções sem nos preocuparmos com o êxito que possam ter.

Nas maiores tentações, um olhar para Cristo e o falar Seu nome são suficientes para vencer o maligno; devemos fazê-lo com confiança e espírito calmo.

O mandato de Deus de “orar sem cessar” está fundado na necessidade que temos de Sua graça, para preservar a vida de Deus na alma, que não pode subsistir um momento sem a graça, assim como o corpo não pode subsistir sem o ar.

Quer seja pensar ou falar com Deus, agir ou sofrer por Ele, tudo é oração quando não temos outro motivo a não ser o seu amor e o desejo de agradá-lo.

Tudo que o cristão faz, mesmo comer e dormir, é uma oração, quando feito com singeleza de coração e conforme a vontade de Deus, sem adicionar ou subtrair nada.

A oração continua no desejo do coração, embora o entendimento se empregue em coisas exteriores. Para a alma cheia de amor o desejo de agradar a Deus é uma oração contínua.

Devido ao ódio que o diabo tem de nós, é a sua voz chamada de “rugir de um leão,” assim, o nosso veemente amor pode ser chamado de “clamor por Deus.”

Deus requer apenas, de seus filhos amadurecidos, que os seus corações sejam verdadeiramente purificados e que continuamente lhe ofereçam os desejos e os votos que brotam naturalmente de um amor perfeito. Pois, estes desejos, sendo o genuíno fruto do amor, são as orações mais perfeitas que podem sair deles.

(6) É quase inconcebível a estreiteza do caminho pelo qual Deus guia aqueles que O seguem; muito devemos depender d’Ele a fim de mantermos nossa fidelidade.

Parece incrível a grande importância que têm as coisas diante de Deus; e quantas inconveniências resultam de coisas tão aparentemente pequenas. Como um pouco de pó pode estragar o bom funcionamento de um relógio, um grãozinho de areia pode obscurecer a nossa vista; assim também a mínima semente de pecado em nosso coração pode impedir nosso livre movimento em direção a Deus.

Devemos portar-nos na igreja como os santos se portam no céu, e agir em casa como o cristão mais fiel na igreja, cumprindo as tarefas caseiras como oramos na igreja, adorando a Deus do mais íntimo do coração.

Lutemos constantemente por desembaraçarmo-nos de todas as coisas inúteis que nos rodeiam. Deus geralmente suprime das nossas almas as superficialidades na mesma proporção que nós as eliminamos do nosso corpo.

A melhor maneira de resistir ao diabo é destruir qualquer coisa do mundo que permanece em nós, com a finalidade de levantar sobre as ruínas, um edifício de

amor para a glória de Deus. Então, começaremos nesta vida, passageira, a amar a Deus como faremos na eternidade.

Custa-nos perceber o quanto é fácil defraudar a Deus, compartilhando com outros o amor que Lhe devemos, até que a morte nos separe. Se uma perda nos causa pesar permanente, é prova certa que tínhamos dois tesouros entre os quais repartíamos nosso coração.

(7) Se, depois de haver renunciado a tudo, não velamos sem cessar e não suplicamos a Deus que ele nos guarde, ver-nos-emos de novo enredados e vencidos.

Assim como os ventos mais perigosos podem entrar através de pequenas frestas, assim o diabo entra por meio de pequenos e inadvertidos acidentes que, aparentemente, não têm importância, mas que conduzem o coração a perigosas tentações.

De tempos em tempos é bom examinarmos o estado da nossa alma, como se nunca o tivéssemos feito antes. Nada conduz melhor a uma plena segurança da nossa fé que manter-nos através disto, em humildade e no exercício de toda a boa obra.

À vigilância e à oração contínuas deve acrescentar-se a ocupação constante. Assim como os vácuos se enchem no mundo físico, de igual maneira o diabo enche o que Deus não ocupa. Sabemos que a graça de Deus não pode permanecer num coração ocioso.

Não há fidelidade como a que deve existir entre um guia de almas e a pessoa dirigida. Eles continuamente se consideram um ao outro em Deus, examinam-se cuidadosamente para averiguar se todos os seus pensamentos são puros, e se todas as suas palavras são proferidas com discrição cristã. Outros assuntos são apenas coisas dos homens, mas estes são peculiarmente de Deus.

(8) As palavras de Paulo: “Ninguém pode chamar a Jesus Cristo, senão pelo Espírito Santo,” nos revelam a necessidade da direção divina em nossas obras e ainda, nos pensamentos mais simples, pois sabemos que Deus só se agrada daquilo que Ele faz em nós e conosco. Entende-se disto, que não podemos servi-LO a menos que Ele use a nossa língua, coração e mãos para fazer, pelo Seu Espírito, o que Ele quer que nós façamos.

Se não fôssemos totalmente impotentes, poderíamos considerar nossas boas obras como propriedade pessoal, mas a realidade é outra. Procedem de Deus por Sua graça e, em conseqüência, Lhe pertencem. Ele toma as nossas obras e as santifica, glorificando-se em nós por intermédio delas.

Uma das regras principais da religião é não perder a oportunidade de servir a Deus, posto que Ele é Espírito e, portanto, invisível; devemos servi-LO amando e ajudando o próximo, serviço que Ele recebe como se fosse feito a Ele mesmo.

Deus não ama aos inconstantes, nem as obras intermitentes. Só aquilo que é semelhante à Sua imutabilidade Lhe agrada. O cuidado constante com a obra que Deus nos confiou é um sinal de sólida piedade.

O amor nos incita a praticar o jejum quando e sempre que pudermos. Ele nos incita a obedecer todas as ordenanças de Deus e faz que nos ocupemos em exercitar toda a obra de caridade de que somos capazes. Ele voa, como Elias, para encontrar Deus no Seu santo monte.

Deus é tão grande que atribui grandeza ao mais pequeno serviço feito em Seu nome.

Felizes aqueles que sofrem ou que perdem suas vidas por haver feito uma obra para glorificar a Deus.

Deus freqüentemente oculta a parte que têm Seus filhos na conversão de outras almas. Porém, pode-se dizer com confiança, que a pessoa que intercede diante d'Ele pela conversão de outrem é uma das principais causas se esta conversão ocorrer, em qualquer tempo que isto venha a se dar.

A caridade não pode ser praticada como deve, a menos que a exercitemos no momento em que Deus nos dê a oportunidade e que logo nos retiremos para oferecer aquela obra a Deus em humilde ação de graças. Devemos fazê-lo por três razões: primeira, para oferecer-Lhe o que temos recebido d'Ele; segunda, para evitar a tentação do orgulho que nasce da própria bondade da obra; terceira, para unir o nosso ser a Deus, à quem a alma se derrama em oração, juntamente com a graça recebida e as boas obras que temos feito, a fim de receber d'Ele novas forças contra os maus efeitos que estas mesmas obras possam produzir em nós, senão fizermos uso dos antídotos que Deus ordenou contra estes venenos. A maneira de ser cheio novamente da Sua graça, é esvaziar-nos de nossos próprios méritos; pois cheios deles somos inclinados a abandonar a prática das boas obras.

As boas obras não são aperfeiçoadas até que elas se percam em Deus. Isto é uma espécie de morte para elas, muito semelhante à nossa morte física. Elas não atingem a imortalidade até que se percam na glória das nossas almas, ou antes, de Deus, com a qual serão cheias. O que as boas obras perdem com esta morte espiritual é apenas o que tinham de terreno e mortal.

O fogo é o símbolo do amor; o amor de Deus é o princípio e o fim de todas as nossas boas obras. Mas a verdade ultrapassa a figura; e o fogo do amor divino ultrapassa o fogo material visto que pode voltar à sua origem, e levar com ele todas as boas obras que produz. Por este meio evita que estas sejam corrompidas pelo orgulho, vaidade ou qualquer mistura vil. Mas isto não acontece a menos que as

obras morram em Deus, por meio de uma gratidão profunda, na qual submerge a alma como em um abismo com tudo que ele é, juntamente com toda a graça e suas obras, pelas quais Lhe é devedor. Uma gratidão que faz com que a alma se esvazie de suas obras, para que estas voltem à sua fonte de origem, assim como os rios esvaziam prontamente todas as suas águas no mar.

Quando recebemos qualquer favor de Deus, devemos retirar-nos, senão para um quarto, ao menos nos nossos corações para agradecer e dizer: “Venho, Senhor, devolver-Te o que me deste; renuncio-o livremente para entrar de novo na minha humildade. Que é na Tua presença, a criatura do céu ou da terra, senão um vácuo capaz de ser cheio de Ti e por Ti? Ou como o ar, que é escuro e vazio, e pode ser cheio da luz do sol, que retira do ar o brilho todos os dias para restaurá-lo no dia seguinte, nada havendo no ar que aproprie ou rejeite esta luz? Oh, concede-me a mesma facilidade de receber e devolver a Tua graça e boas obras! Digo Tuas, por reconhecer que a fonte de onde brotam está em Ti e não em mim!”

26. No ano de 1764, depois de rever todo o assunto, escrevi o resumo das minhas observações em curtas preposições. São as seguintes:

(1) Existe a perfeição cristã porque é mencionada vez após vez nas Escrituras.

(2) Não se recebe tão cedo como a justificação, porque os justificados devem “deixar-se levar para o que é perfeito” (Hb 6.1).

(3) Recebe-se antes da morte, porque Paulo fala de homens que eram perfeitos nesta vida (Fp 3.15).

(4) Não é absoluta. A perfeição absoluta pertence a Deus, assim nem aos homens, nem aos anjos.

(5) Não torna o homem infalível, pois ninguém é infalível enquanto permanece neste mundo.

(6) É sem pecado? Não vale a pena discutir sobre uma palavra. É “salvação do pecado.”

(7) É amor perfeito (1Jo 4.18). Esta é sua essência; suas propriedades e frutos inseparáveis são: regozijar-se sempre, orar sem cessar e dar graças em tudo (1Ts 6.16).

(8) Não descansa num ponto, como sendo incapaz de crescer ou desenvolver-se. Tanto assim que a pessoa aperfeiçoada em amor crescerá muito mais rapidamente que antes.

(9) Há casos em que pessoas que possuíam esta perfeição perderam-na depois. Mas foi apenas há cinco ou seis anos que me convenci disto.

(10) É sempre precedida e seguida de obra gradual.

(11) Alguém pergunta: é instantânea ou não? Ao examinarmos isto vamos ponto por ponto:

Ninguém pode negar que uma mudança instantânea se realiza em alguns.

Desde o momento que se operou aquela mudança, gozam de perfeito amor; sentem amor e só amor. Regozijam-se sempre, oram sem cessar e dão graças em tudo. Ora, isto é tudo que quero dizer com ‘perfeição cristã;’ portanto, estes dão testemunho da perfeição que eu prego.

Em outros esta mudança não foi instantânea. Não perceberam o momento em que ela se efetuou. Às vezes é difícil reconhecer quando um homem morre, todavia há o momento em que a vida cessa. Da mesma maneira, cessa o pecado; deve haver um momento último da sua existência, e um primeiro da libertação do pecado.

Alguém dirá: “Mas se tem este amor agora, podem perdê-lo.” É possível mas não estão obrigados a perdê-lo. Quer percam ou não, têm-no agora e experimentam o que ensinamos. Neste momento são todo amor, rejubilam, oram e dão graças sem cessar.

“Porém, o pecado só se acha suspenso neles, não está destruído.” Chamem-no como quiserem. Hoje são todo amor e não se preocupam com o dia de amanhã.

“Mas esta doutrina tem sido alvo de abusos.” Igualmente a da justificação pela fé. Mas não é razão para abandonarmos esta ou qualquer outra doutrina escriturística. Como alguém diz: “Quando se lava o menino, atira-se fora a água, mas não o menino.”

“Aqueles que pensam que são salvos do pecado dizem que não necessitam dos méritos de Cristo.” É o contrário. A sua linguagem é: “A cada momento requisito os méritos da Tua morte, Senhor.” Nunca antes tiveram como têm agora tão profunda convicção da necessidade de Cristo em todos os seus afazeres.

Portanto, todos os nossos pregadores devem ter como regra a pregação constante da perfeição cristã, de maneira persuasiva e explícita; todos os crentes devem concentrar-se nela e procurá-la com todo o empenho.

27. Tenho feito o que me propus a fazer. Apresentei um relato simples e claro da doutrina da Perfeição Cristã, no sentido que a recebi, recebo e ensino até hoje. Tenho declarado o todo e as partes do que quero dizer com esta expressão bíblica. Esbocei a traços largos o quadro dela, sem disfarçar ou encobrir nada.

E pergunto a qualquer pessoa imparcial: Que há nela de assustador? Por que todo esse ruído que se houve pelo reino por mais de vinte anos, como se o cristianismo estivesse sendo destruído e toda a religião desarraigada? A que se deve que o próprio nome ‘perfeição cristã’ fosse tirado da boca dos cristãos e odiado como se contivesse a heresia mais perniciosa? Por que os que a tem pregado têm sido tratados como cães, mesmo por homens que temem a Deus e também por filhos, que em Deus, geraram para o Evangelho? Que razão há para isto? Razão saudável não existe mas fingimento há em abundância. Existe motivo para afirmar que alguns daqueles que nos tratam assim o fazem somente com o pretexto de justificar a sua maneira de proceder desde o princípio ao fim. Queriam e procuravam ocasião contra mim e nisto encontraram o que buscaram. “Esta é a pregação do senhor Wesley! Ele prega a perfeição!” Respondo: Sim, prego-a, mas a doutrina é tanto minha como sua, ou de qualquer outro que seja discípulo de Cristo. É de Jesus Cristo, enfática e peculiarmente. Estas são palavras d’Ele e não minhas: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai celeste” (Mt 5.48): Quem diz que não pode ser ou, pelo menos, que só acontece quando a alma se separa do corpo?

É doutrina de Paulo, Tiago, Pedro e João; não só de Wesley mas de todo aquele que prega o Evangelho em toda a sua pureza e integridade. Digo-vos tão claro quanto possa falar, onde e quando encontrei esta doutrina. Encontrei-a nos oráculos de Deus, no Antigo e no Novo Testamento, enquanto os lia sem outro propósito ou desejo senão a salvação da minha alma. Mas de quem quer que seja a doutrina, suplico que se me diga: que mal há nela?

Examinai-a de novo; considerai cada ponto com a maior atenção. Uma das suas facetas é a pureza de intenção, a dedicação total a Deus. É dar a Deus todo o coração, quer dizer, permitir que Ele governe todas as nossas disposições. Além disso, não é devotar uma parte mas tudo da nossa alma, corpo e bens a Deus. Outra faceta é possuir a mente de Cristo, capacitando-nos a andar como Cristo andou. É a circuncisão do coração na completa imagem de Deus, à semelhança d’Aquele que nos criou. Ainda outra parte: amar a Deus com todo o coração e ao próximo como a nós mesmos. Agora escolhei a faceta que quiserdes (porque não diferença material), visto que esta é a perfeição cristã que tenho crido e ensinado nos últimos quarenta anos, desde 1724 até 1765.

28. Agora, apresentada a perfeição cristã na sua simplicidade, quem haverá que se atreva a dizer que não é correto amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos, ou contrarie uma renovação do coração não só em parte, mas à imagem de Deus? Quem se atreverá a expressar-se contra o ser limpo de toda a imundície tanto do corpo quanto do espírito ou contra ter toda a mente que houve em Cristo, e andar em todas as coisas como ele andou? Que homem que se chama cristão tem a coragem de se opor à consagração a Deus não de uma parte mas de toda a alma, como também corpo e bens? Que homem sério pode opor-se que se dê todo o coração a Deus e que um só fim governe a vida? Repito, apresentada a perfeição cristã tal qual é, quem a impedirá? Qualquer que se oponha a ela terá de

falsificá-la. Há que disfarçá-la cobrindo-a com pele de urso, pois deixando-a na sua autenticidade mesmo os homens mais bárbaros a aceitariam.

Porém, não importa o que façam estes, que os filhos de Deus guardem-se de seguir lutando contra a imagem de Deus implantada no coração do homem. Os que são membros de Cristo, que se guardem de dizer algo contra a mente que houve em Cristo. Os que vivem em Deus estejam longe de opor-se à dedicação de toda a vida a Ele. Vós que tendes o seu amor derramado em seus corações, por que resistis a entrega completa do coração ao Senhor? Não clama o mais íntimo do vosso ser dizendo que ainda não ama a Deus o suficiente, por mais que O ameis? É lamentável que aqueles que desejem e se empenham em agradecer-lhe, tenham qualquer outro motivo ou desejo! Causa pena bem maior que alguns vejam como abominação a Deus o ter este único desejo governando a vida.

Por que devem homens devotos temer consagrar a Deus toda a alma, corpo e bens? Como considerar erro condenável naqueles que amam a Cristo, termos a mente que houve n'Ele? Admitimos e ensinamos que somos "livremente justificados" pela justiça e sangue de Cristo. E por que se mostram assim indignados contra nós quando dizemos que esperamos de igual maneira "ser plenamente santificados" pelo Seu Espírito? Não buscamos favor ou apoio dos que são abertamente servos do pecado, nem dos que são simplesmente religiosos. Mas vós, que servis a Deus em espírito, que estais circuncidados com a circuncisão não feita por mãos humanas, quanto mais tempo durará a vossa oposição aos que buscam uma completa "circuncisão do coração," que têm sede de ser limpos de "toda imundície da carne e do espírito e de aperfeiçoar a santidade no temor de Deus?"

Seremos vossos inimigos porque buscamos completa libertação dessa "mente carnal que é inimizada contra Deus"? Não, somos vossos irmãos, vossos companheiros no reino e na paciência de Jesus. Embora confessemos isto (se somos néscios, suportai-nos como néscios), nosso propósito é amar a Deus com todo o coração e ao próximo como a nós mesmos. Na verdade, cremos firmemente que Ele limpará de tal maneira, neste mundo, os pensamentos dos nossos corações pela inspiração do Seu Santo Espírito, que o amaremos perfeitamente e magnificaremos dignamente o Seu santo nome.

BREVES PENSAMENTOS SOBRE A PERFEIÇÃO CRISTÃ

Alguns pensamentos ocorreram à minha mente com respeito à Perfeição Cristã, a maneira e o tempo de recebê-la, que acredito ser útil escrevê-los.

1. Por perfeição eu entendo humildade, bondade, paciência, amor a Deus e ao próximo, domínio de nosso temperamento, palavras e ações.

Eu não incluo a impossibilidade de cair, em parte ou totalmente. Por conseguinte, demonstro em várias expressões em nossos hinos, que em parte expressam e em parte envolvem tal impossibilidade.

E eu não afirmo o termo “sem pecado,” ainda assim não tenho objeção contra ele.

2. Quanto à maneira. Eu creio que a perfeição é sempre trabalhada na alma por um ato simples de fé; conseqüentemente, em um instante. Mas acredito num trabalho gradual que, ao mesmo tempo precede e segue este instante.

3. Quanto ao tempo. Creio que este instante, geralmente, é o instante da morte, o momento que precede a saída da alma do corpo. Acredito que podem ser dez, vinte, quarenta anos antes. Creio que normalmente muitos anos depois da justificação, mas que podem ser cinco anos ou cinco meses depois. Não conheço argumento conclusivo ao contrário.

Se deve ser muitos anos depois da justificação, eu gostaria de saber quanto. *Pretium quotus arroget annus?*¹¹ Quantos dias ou meses, ou ainda anos podem existir entre a perfeição e a morte? A que distância da justificação deve estar, e quanto pode estar perto da morte?

Londres, 27 de janeiro de 1767.

A PROMESSA DE SANTIFICAÇÃO

Ezequiel 36.25 ss

Rev. Carlos Wesley

1. Deus de todo o poder, verdade e graça,
Que por todos os séculos e séculos persiste,
Cuja Palavra que ainda que o céu e a terra passem,
Permanece para sempre.
2. Calmamente minha alma levanta os olhos para Ti,
E espera provar Tuas promessas,
O objeto da minha firme esperança,

¹¹ Esta citação é de Horácio, assim traduzida por Boscauwen: “Quantos anos seria estabelecido para nosso tempo.”

O selo do Teu eterno amor.

3. Que eu possa proclamar a tua misericórdia,
Que toda a humanidade Tua verdade possa ver,
Consagra Teu grande e glorioso nome,
E perfeita santidade em mim.
4. Me escolhe do mundo, se eu agora permaneço
Adornado em divina retidão;
Se, trazido à terra prometida,
Eu somente chamar meu salvador.
5. Realiza o trabalho que começaste a fazer,
Minha alma converte a Ti,
Ama-me com teu próprio amor eterno,
E asperge com Teu sangue o meu coração.
6. Derrama do Teu espírito santificador
Para saciar minha sede e me limpar.
Agora, Pai, derrama do Teu espírito,
E faz-me puro do pecado.
7. Limpa-me de toda a mancha pecaminosa.
Que meus ídolos sejam todos abandonados.
Purifica-me de todo o pensamento mau,
De toda a sujeira de egoísmo e orgulho.
8. Dê-me um novo e perfeito coração,
Livre da dúvida, do medo e da tristeza;
Dê-me a mente de Cristo,
E deixa meu espírito ser fiel a Ti.
9. Remove o meu coração de pedra
(A Tua lei ele não segue, não pode admitir).
Não deixe ele ficar mais em mim;
Oh, remove este coração de pedra!
10. O ódio da minha mente carnal
Remove da minha carne de uma vez;
Dê-me um coração meigo, resignado e puro,
Cheio de fé e amor.
11. Dentro de mim Teu espírito bom more,
Espírito de saúde, amor e poder;
Planta em mim Tua vitoriosa graça,
E nunca mais o pecado entrará.

12. Induz-me a caminhar em Cristo,
E eu executarei os Teus estatutos;
Obedecerei a Tua lei em tudo,
E a Tua vontade realizarei perfeitamente.
13. Tu não disseste, Tu que não podes morrer,
Que eu deverei manter e cumprir a Tua lei?
Senhor, eu creio, ainda que os homens neguem,
São todos falsos, pois Verdadeiro és Tu.
14. Oh, que eu agora liberto do pecado,
Possa provar Tua Palavra ao máximo,
Entrar no Teu descanso prometido,
A Canaã do Teu perfeito amor!
15. Lá, deixa-me para sempre morar;
Sê Tu meu Deus, e eu serei Teu servo.
Oh, coloca Teu selo!
Dê-me vida eterna em Ti.
16. De todas as sujeiras que restaram em mim,
Deixa-me ter salvação em Ti.
Dos pecados de hoje e do pecado inato
Minha alma cativa, persiste em salvar.
17. Remove minha mancha original:
Diz-me que ela não pode mais ser
Demônios ou homens! O Cordeiro foi morto,
Teu sangue foi todo derramado sobre mim.
18. Asperge este sangue, Jesus, em meu coração:
Uma gota de Teu sangue que a tudo limpa,
Para minha pecaminosidade morrer,
E enche-me com a vida de Deus.
19. Pai, supre todas as minhas necessidades,
Sustenta a vida que Tu mesmo deste;
Peço o milho, o pão vivo,
O maná que desce dos céus.
20. O fruto gracioso da retidão,
O Teu suprimento inesgotável de bênçãos,
Aumenta em mim abundantemente,
Não me deixe mais ter fome.
21. Não me deixe mais em profunda queixa,
Meu grito de: “Oh, minha pobreza, minha pobreza”!

Sozinho consumido por meus desejos,
Eu, entre todos os filhos de meu Pai.

22. A sede dolorida, o desejo insensato,
A Tua alegre presença removerá,
Enquanto a minha alma ainda requer
A completa eternidade do amor.
23. Santo, verdadeiro e reto Senhor,
Eu espero provar Tua vontade perfeita,
Estar atento à Tua graciosa Palavra.
Grava em mim o selo do Teu Espírito!
24. Tuas fiéis misericórdias deixa-me achar,
Nas quais Tu me induziste à verdade.
Dê-me Tua meiga e humilde morte,
E deixa meu espírito no pó.
25. Mostra-me quão tolo foi o meu coração,
Quando todo renovado pela graça estou.
Quando Tu tens me esvaziado do pecado,
Mostra-me o tamanho da minha vergonha.
26. Abre o olho interior da minha fé,
Revela dos céus a Tua glória,
E todo o meu ser cairá e morrerá
Perdido em admiração e amor.
27. Confunde-me, domina-me com a Tua graça;
Eu estaria de mim mesmo aborrecido,
(Todo o poder, toda a majestade, todo louvor,
Toda a glória sejam para Jesus, meu Senhor!)
28. Agora deixa-me ganhar maturidade,
Agora não me deixa cair em coisa alguma,
Seja eu menos que nada à minha vista,
E sinta que Cristo é tudo em todos!